



UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

CENTRO DE ARTES E LETRAS

CURSO DE GRADUAÇÃO

EM LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS A DISTÂNCIA

Produção Textual

6º semestre

PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

Luiz Inácio Lula da Silva

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Fernando Haddad

Ministro do Estado da Educação

Maria Paula Dallari Bucci

Secretária da Educação Superior

Carlos Eduardo Bielschowsky

Secretário da Educação a Distância

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Felipe Martins Müller

Reitor

Dalvan José Reinert

Vice-Reitor

Maria Alcione Munhoz

Chefe de Gabinete do Reitor

André Luis Kieling Ries

Pró-Reitor de Administração

José Francisco Silva Dias

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis

João Rodolpho Amaral Flôres

Pró-Reitor de Extensão

Orlando Fonseca

Pró-Reitor de Graduação

Charles Jacques Prade

Pró-Reitor de Planejamento

Helio Leães Hey

Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa

Vania de Fátima Barros Estivaleta

Pró-Reitor de Recursos Humanos

Fernando Bordin da Rocha

Diretor do CPD

COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Fabio da Purificação de Bastos

Coordenador CEAD

Paulo Alberto Lovatto

Coordenador UAB

Roberto Cassol

Coordenador de Pólos

CENTRO DE ARTES E LETRAS

Edemur Casanova

Diretor do Centro de Artes e Letras

Ceres helena Ziegler Bevilaqua

Coordenadora do Curso de Graduação de Letras – Português e Literaturas a Distância

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Nara Augustin Gehrke

Professora pesquisadora/conteudista

EQUIPE MULTIDISCIPLINAR DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO APLICADAS À EDUCAÇÃO

Elena Maria Mallmann

Coordenadora da Equipe Multidisciplinar

Débora Marshall

Mariza Gorette Seeger

Técnicas em Assuntos Educacionais

PRODUÇÃO DE RECURSOS EDUCACIONAIS

Luiz Caldeira Brant de Tolentino Neto

Coordenação

Evandro Bertol

Marcelo Kunde

Designers Gráficos

Ingrid Souto

Designer de Mediação

ATIVIDADES A DISTÂNCIA

Ilse Abegg

Coordenação

Daniele da Rocha Schneider

Professora-pesquisadora UAB

TECNOLOGIA EDUCACIONAL

Andre Zanki Cordenonsi

Giliane Bernardi

Coordenação

Bruno Augusti Mozzaquatro

Edgardo Gustavo Fernández

Marco Antonio Copetti

Ricardo Tombesi

Rosiclei Aparecida Cavichioli Lauermann

Tarcila Gesteira da Silva

Professores pesquisadores

Daniel Da Cas

Álvaro Augustin

Suporte

Sumário

- **APRESENTAÇÃO**
- **UNIDADE A - LINGUAGEM, GÊNERO E INTERAÇÃO**
- **A1. Os gêneros e as condições de produção do texto escrito**
 - **Carta pessoal**
 - **E-mail**
 - **Carta ao leitor**
 - **Carta aberta**
 - **Ofício e memorando**
 - **Expressão de tratamento e seu emprego**
- **A2. A produção textual como processo**
- **A3. Estratégias de produção textual**
 - **A3.1. Planejar**
 - **A3.2. O plano do texto e as estratégias de desenvolvê-lo**
 - **A3.3. Parágrafo - uma microestrutura composicional e retórica**
 - **A estrutura do parágrafo**
 - **Comparação - paralelo e contraste**
 - **Analogia**
 - **Descrição de detalhes**
 - **Exemplificação**
 - **Apresentação de causas e/ou efeitos**
 - **Apelo ao testemunho de autoridade**
 - **Relação temporal e/ou espacial**
- **Atividades Unidade A**
- **Resumo desta Unidade**
- **Referências**
- **UNIDADE B - TEXTUALIZAÇÃO**
- **B1. Contextualização**
- **B2. Coerência**
- **B3. Coesão**
- **Atividades Unidade B**
- **Resumo desta Unidade**
- **Referências**
- **UNIDADE C - ORGANIZAÇÃO TEXTUAL**
- **C1. O modo narrativo**
- **C2. O modo descritivo**
- **C3. O texto de base dissertativa**
 - **C3.1. A dissertação expositiva**
 - **C3.2. A dissertação argumentativa**
- **Atividades Unidade C**

- [Resumo desta Unidade](#)
- [Referências](#)
- [UNIDADE D - ARGUMENTAÇÃO E EXPRESSÃO LINGUÍSTICA](#)
- [D1. Tema](#)
- [D2. Tese e argumentos](#)
 - [D2.1. A tese](#)
 - [D2.2. Os argumentos](#)
- [D3. Marcadores discursivos](#)
 - [D3.1. Os operadores](#)
 - [D3.2. Os mobilizadores](#)
 - [D3.3. Os índices de avaliação](#)
 - [D3.4. A quantificação](#)
- [Atividades Unidade D](#)
- [Conclusão da Unidade D](#)
- [Referências](#)

[voltar ao sumário](#)

Apresentação

Produção Textual enfoca a atividade de produzir textos enquanto prática social, ao mesmo tempo que possibilita sistematizarem-se conhecimentos sobre os comportamentos escritores envolvidos nessa prática e por ela desenvolvidos. A organização e a dinâmica da disciplina são norteadas por dois princípios: o primeiro é tratar a produção textual como uma atividade que põe em contato sujeitos de linguagem (produtor e leitor) num espaço de interlocução, onde as interações são realizadas pelo texto; o segundo evidencia ser a produção de textos um processo que convoca o produtor a se envolver num processo complexo, que mobiliza várias habilidades e competências de natureza cognitiva, discursiva, textual e linguística.

Ao longo das unidades, a teoria serve como base para as práticas que desafiam o aluno a produzir textos adequados às situações de comunicação propostas, principalmente gêneros textuais organizados em torno da narração, descrição ou dissertação e voltados para a argumentação. O referencial teórico destaca as concepções de gênero, de argumentação, de processo e de texto, entendido este último como uma unidade de sentido que favorece a interlocução do produtor com o seu leitor/ouvinte, estando ambos inseridos em situações de comunicação e interação específicas, determinantes na (re)construção do sentido e do texto.

A orientação metodológica segue o princípio de que as atividades são desafios de se produzir um texto como uma resposta bem sucedida a diferentes demandas (cognitivas, sociais, linguísticas...) envolvidas na escritura de um texto. Além desse aspecto, cremos que é essencial o envolvimento consciente do sujeito produtor do texto num percurso que vai desde as considerações sobre os

elementos da situação comunicativa (o quê, para que e para quem escrever, por ex.) até a dimensão de comportamentos escritores, como a retextualização, momento em que o produtor, além de reavaliar suas escolhas e seu texto, toma a perspectiva do seu leitor.

Ao final da disciplina, o aluno deverá ser capaz de demonstrar domínio sobre a produção de texto e reconhecê-la como uma prática social orientada basicamente pela dimensão discursiva/argumentativa da língua(gem) e como um processo cognitivo complexo.

Além dos exercícios e atividades apresentadas ao longo das unidades, sugestões de práticas de produção serão disponibilizadas no ambiente semanalmente, sempre às segundas-feiras, para serem realizadas ao longo da semana e, quando solicitado, enviadas para avaliação. Para cada uma das quatro unidades, haverá um fórum de discussão, o que, aliás, é também uma prática de interação verbal e, portanto, de produção textual/de sentido. As atividades específicas para avaliação e acompanhamento de desempenho estarão disponibilizadas no ambiente, sendo apresentadas segundo a ordem prevista no cronograma.

[voltar ao sumário](#)

UNIDADE A

LINGUAGEM, GÊNERO E INTERAÇÃO

Objetivos

- Relacionar conhecimentos sobre situação de comunicação e demandas da produção do texto escrito;
- Reconhecer a produção textual como um processo cognitivo e como prática discursiva;
- Sistematizar conhecimentos sobre estratégias textuais;
- Realizar práticas de produção do texto escrito adequadas à situação comunicativa envolvida.

Introdução

Nesta unidade, centraremos nossa atenção na produção de textos aqui tratada como uma atividade discursiva e como processo. Iniciamos a unidade com a discussão sobre gêneros e as considerações sobre situações de interação. Prosseguiremos verificando o funcionamento de alguns gêneros e as demandas de sua produção e recepção. A seguir, abordaremos estratégias iniciais para uma bem sucedida prática com a produção de textos, partindo da premissa de que o estudo do parágrafo, mesmo sendo uma microestrutura, possibilita o tratamento de uma unidade maior, o texto.

[voltar ao sumário](#)

A1. Os gêneros e as condições de produção do texto escrito

Atualmente, a consciência de que a linguagem é tanto um instrumento usado para a comunicação quanto uma prática social orientada basicamente pela perspectiva da interação favorece uma abordagem sociodiscursiva das atividades mediadas pela linguagem verbal, como a leitura e a produção textual. Diante disso, passamos a ver, por exemplo, a mobilização de determinadas estruturas textuais e linguísticas como estratégica, determinada pelos propósitos não só da comunicação, mas, principalmente, da interação.

Para produzirmos textos de qualidade e reconhecíveis como pertencendo a um determinado gênero, precisamos, conscientemente, estabelecermos o que queremos dizer, para quem e com qual finalidade escrevemos, além de escolhermos o gênero que melhor atende a todas essas demandas.

O que dizer? Como dizer? Que suporte usar para veicular o texto? Quem vai ler o texto? Com que propósito? Quais elementos composicionais, estilísticos, temáticos observar para que o texto seja reconhecível como pertencendo ao gênero escolhido? O que posso/devo dizer a partir do lugar social que ocupo? Atentar para essas questões, entre outras, é considerar as condições de produção do texto, o qual está inscrito num contexto social específico de produção, circulação e consumo de sentidos.

É interessante notarmos a evolução na própria terminologia referente às práticas com a linguagem escrita, o que revela uma mudança na abordagem do objeto da nossa disciplina: antes se falava em composição de texto, depois em redação de texto e hoje em produção textual. Duas terminologias destacam a tarefa de compor e redigir o texto, atividades voltadas prioritariamente para o texto como o produto de um esforço de expressar ideias, pensamentos e informações em estruturas textuais/composicionais; já a referência à produção textual favorece uma abordagem mais ampla, centrada na prática social e no processo, nos comportamentos escritores, sem desconsiderar, claro, os aspectos composicionais. Porém, nessa abordagem, eles são a consequência de escolhas estratégicas, realizadas em função do propósito básico de interagir com e sobre o outro através da linguagem verbal.

Central nos estudos sobre práticas de produção textual é a abordagem dos gêneros. Meurer, em palestra no III SIGET, em Santa Maria - RS, destacou que “gêneros discursivos são atividades semióticas (produção e consumo de significados) realizadas através da linguagem e reconhecidas socialmente através de conteúdo, organização retórica e funções em determinados contextos/situações”.

Para entendermos bem esse conceito, vamos analisar um gênero específico. Em revistas e jornais, isto é, no domínio jornalístico, é comum encontrarmos entrevistas. Como reconhecemos a entrevista como um gênero? Para responder a essa pergunta, é preciso conhecermos um pouco não só da sua dinâmica e organização composicional, mas também de seus propósitos e demais elementos das práticas sociais em que é produzida e consumida.

A entrevista caracteriza-se pela especificidade dos papéis de cada interlocutor na dinâmica da

interação verbal: um coloca as perguntas, o outro fornece as respostas. A entrevista que circula em jornais e revistas é um diálogo orientado. É um gênero textual em que se envolvem, inicialmente, o *entrevistador* (um jornalista, geralmente) e o *entrevistado* (uma autoridade ou especialista em determinada área do conhecimento ou uma pessoa de reconhecida projeção social).

A interação entre esses dois participantes pode ser *face a face* (em programas de rádios ou na televisão) ou, muito comum em nossos dias, *indireta*, isto é, o entrevistado recebe por fax ou e-mail as perguntas e responde a elas também por meio eletrônico.

Segundo Vanoye (1998), o entrevistador deve fazer uma preparação séria do questionário. Esse questionário pode ser: *ordenado*, quer cronologicamente (perguntas sobre a vida ou a carreira de um indivíduo), quer logicamente (em conformidade com os objetivos buscados, traça-se o plano das perguntas), ou adaptado ao interlocutor, à sua personalidade, ao seu nível sociocultural.

Nos jornais e nas revistas, ou em qualquer meio impresso, após realizada a entrevista, ela é editada e apresentada para o leitor na forma de texto. Acesse jornais eletrônicos e observe como são apresentadas as entrevistas.

Vamos acompanhar uma nova discussão sobre gêneros. Maingueneau (2001) conceitua gêneros de discurso como “dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes”. Nesse sentido, para se considerar um texto pertencente ao gênero do relatório de estágio, por exemplo, é necessária a existência de escolas ou empresas e de estudantes que buscam experiência profissional, de professores para aplicar e avaliar as tarefas e, principalmente, de um sistema de ensino aberto ao mundo do trabalho. Em outras palavras, o gênero discursivo está diretamente relacionado ao contexto em que se insere, à finalidade a que se propõe e aos sujeitos envolvidos no discurso.

De acordo com Maingueneau (2001), a sociedade está dividida em diferentes setores: produção de mercadorias, administração, lazer, saúde, ensino, pesquisa científica, etc. Cada um desses setores corresponde a grandes gêneros de discurso, no interior dos quais se classificam gêneros mais específicos. Assim, dentro do discurso midiático, por exemplo, podemos encontrar o discurso televisivo, no interior do qual se tem o gênero de discurso *talk show*, novela, telejornal, entre outros.

Além da associação a um setor da sociedade, os gêneros também podem ser considerados dentro de um domínio, na terminologia de Maingueneau, um “lugar institucional”, como o hospital, a escola, a empresa, a família. O exemplo de Maingueneau é o hospital: no interior desse lugar institucional, podem-se encontrar muitos gêneros de discurso, como a consulta, o laudo médico, as reuniões de serviço, as sessões de radiografia, etc.

Considerando as reflexões de Maingueneau, vamos analisar como as cartas se apresentam hoje, na dinâmica sociodiscursiva. No gênero epistolar, termo amplo para abrigar a referência a carta comercial, mala direta, ofício, memorando e e-mails, entre outros, notamos uma gama variada de textos que se configuram em diferentes gêneros, pois, mesmo tendo características comuns, diferem em objetivos e contextos sociodiscursivos de produção e consumo. Vamos verificar esses contextos de uso?

Em diferentes domínios (profissional, pessoal, acadêmico), entramos em contato com o gênero epistolar, isto é, uma variada gama de cartas as quais são uma resposta a demandas diferentes:

reivindicar um direito, emitir uma opinião, solicitar uma informação, relatar passeios e visitas feitas em uma viagem de férias, entrar em contato com um amigo, entre inúmeros propósitos. A cada uma dessas situações corresponde um tipo específico de carta. Vamos conhecer alguns? Esse conhecimento é muito útil para a realização de nossas práticas de produção textual!

Carta Pessoal

A carta pessoal é utilizada para por em interação dois interlocutores: o remetente, que deseja entrar em contato com um amigo, familiar, conhecido - o destinatário. O assunto tratado na carta, livre e pessoal, geralmente breve, deve convidar o destinatário a dar uma resposta. A estrutura da carta contém local e data, vocativo corpo e assinatura; às vezes, apresenta também P.S. (*Post-scriptum* - “depois de escrito”):

- Local e data: encontram-se no início da carta, geralmente à esquerda.
- Vocativo: pode conter só o nome do destinatário ou vir acompanhado de uma palavra mais formal. Ex.: Joana, tudo bem? / Olá, Joana / Prezada Joana / Querida amiga? Prezada Senhora...
- Assinatura: normalmente a carta pessoal é assinada apenas com o primeiro nome.
- P.S.: é usado depois da assinatura quando algo importante houver sido esquecido.

A carta é mandada pelo correio, dentro de um envelope preenchido com o nome e o endereço do remetente e do destinatário. Com ela, buscamos transmitir informações pessoais ou receber informações desejadas sobre algo ou sobre alguém. Com a rapidez da Internet, constatamos uma tendência de se preferir o envio de e-mails às cartas tradicionais, porém esse formato é ainda usado por muitos missivistas, aquele que envia cartas. Aliás, você sabe que missiva é sinônimo de carta?

E-mail

O correio eletrônico, expressão aportuguesada de *electronic mail* (e-mail), é uma forma prática e acessível para enviar, por exemplo, recados e informações pela internet. O e-mail é um gênero que possibilita a troca quase instantânea de mensagens pela rede, comunicando-se a alguém um assunto profissional ou pessoal. A vantagem sobre a carta tradicional é a maior agilidade e rapidez na troca das mensagens.

O e-mail apresenta a mesma estrutura composicional da carta: vocativo, texto, despedida e assinatura, porém com formato específico. A data raramente aparece, pois o próprio programa de computador já mostra o dia e a hora em que o texto foi enviado. Também se nota uma semelhança com o memorando por possuir os campos *de*, *para*, *assunto* e *anexos*.

Além da estrutura padrão da carta, com vocativo, texto, despedida e assinatura, o e-mail apresenta um endereço. A estrutura do endereço de correio eletrônico brasileiro é a seguinte: nome@provedor.com.br. O nome representa o usuário; @ é o símbolo que sinaliza ao computador que o conjunto de informações enviadas é um endereço de e-mail; o provedor é a empresa que

viabiliza o acesso à internet, gratuitamente ou mediante o pagamento de uma taxa; *com* significa comercial e *br*, Brasil.

No e-mail, empregamos uma linguagem formal ou coloquial, dependendo do assunto a ser tratado e do grau de intimidade entre os interlocutores. Como o e-mail é usado em muitas situações comunicacionais, que se situam num amplo intervalo desde a coloquialidade até a formalidade extrema, a linguagem pode variar, sempre dependente da situação estabelecida entre os interlocutores. Os parágrafos, em geral, são curtos para maior clareza e rapidez na leitura.

Carta do Leitor

Em jornais e revistas, há uma seção que propõe uma interação direta entre a empresa/veículo de comunicação e o seu leitor. Esse espaço é destinado para publicação das cartas dos leitores. Essa carta pode conter sugestões ao editor, elogios para alguma matéria publicada e até mesmo críticas a reportagens, além de os leitores apresentarem suas opiniões sobre temas de relevância social.

A estrutura se assemelha à das cartas em geral: data, vocativo, corpo do texto, despedida e assinatura. Fazem referência ao título da matéria e ao jornalista que a assinou, quando comentam textos veiculados pelo jornal ou revista. A linguagem é formal e adequada ao público a quem a carta é dirigida. Estruturalmente, a carta é organizada em torno da dissertação argumentativa e, posteriormente, o jornal a edita (formata) conforme suas necessidades. Frequentemente, o próprio editor dá um título à carta.

Variadas são as temáticas e os propósitos interativos da carta do leitor. Entre esses, podemos destacar os seguintes: elogiar ou criticar o jornal, a revista ou o jornalista pela qualidade de uma matéria publicada ou a forma como determinado assunto foi abordado; manifestar apoio ou discordância com relação às ideias de um texto publicado ou em relação aos fatos mencionado em um texto; acrescentar informações esclarecendo ou aprofundando alguns pontos de um debate; comentar a carta de outro leitor, concordando ou discordando dela.

Veja, a seguir, um exemplo de como um leitor do jornal Folha de S. Paulo apresenta sua leitura (discordante) de um artigo publicado e a sua interpretação de um movimento social, o sempre lembrado episódio dos “caras-pintadas”.

São Paulo, 29 de novembro 1992.

Prezado Sr. E.B.M. :

Em seu artigo publicado pelo jornal Folha de São Paulo a 1.º de setembro, deparei com sua opinião expressa no Painel do Leitor. Respeitosamente, li-a e percebendo equívocos em suas opiniões quanto à veracidade dos motivos que colocaram milhares de jovens na rua, de maneira

organizada e cívica, tento elucidar-lhe os fatos.

Nosso país, o senhor bem sabe, viveu muitos anos sob o regime militar ditatorial. Toda e qualquer manifestação que discordasse dos parâmetros ideológicos do governo era simplesmente proibida. Hoje, ao contrário daquela época, as pessoas conquistaram a liberdade de expressão e o país vive o auge da democracia. Assim, perante essa liberdade o Brasil evoluiu. Atravessamos um período de crises econômicas, mas as pessoas passaram a se interessar de maneira mais acentuada pelo seu cotidiano diante da própria liberdade existente. Dessa forma, deparamos com uma população ideologicamente mais madura.

Em sua carta enviada à Folha de São Paulo, o senhor assegura que a juventude é absolutamente imatura e incapaz de perceber a profundidade dos acontecimentos que a envolvem. Asseguro que tal opinião não é a mais justa. Nós já fomos jovens e sabemos perfeitamente que é uma época de transição.

Mudamos nossos conceitos, nossos desejos e nossa visão de mundo. Mesmo assim, determinados valores que assumimos como corretos persistem em nossas vidas de forma direta ou não. Não sei se o senhor tem filhos, mas eu invejo a concepção que os meus assumem perante inúmeros acontecimentos. São adolescentes, que se interessam pelos fatos políticos e se preocupam com o destino da nação, pois estão cientes de que num futuro próximo serão as lideranças do país.

Outro aspecto relevante em sua carta é o de dizer que a juventude, generalizadamente é indisciplinada. Tal opinião não condiz com a verdade. Nas manifestações pró "impeachment que invadiram o país visando a queda do Presidente Collor, não se viram agressões, intervenções policiais ou outras formas de violência. Fica, portanto, claro, que a manifestação dos chamados caras-pintadas não é vazia. Conscientes de que uma postura pouco organizada não lhes daria credibilidade, os jovens manifestaram-se honrosamente. Com isso, frente ao vergonhoso papel do próprio Presidente da República, Fernando Collor de Mello, a juventude demonstrou um grau de maturidade e percepção maior que o do próprio chefe de estado.

Vemos, com isso, que os jovens visam ao bem do país e o seu processo de conscientização não se deu de uma hora para outra. Assim, dizer que a juventude é motivada pelo espírito da época, visando ao hedonismo é errôneo. Nossos jovens, senhor E.B.M., são reflexos da liberdade existente no país e a sua evolução político-ideológica.

Sem mais, despeço-me.

K.C.M. de M.

Carta Aberta

A carta aberta está associada ao direito que cada cidadão possui de se manifestar diante dos problemas que o afligem. Diferente da carta pessoal que trata de um problema particular, a carta aberta aborda um problema de relevância social e é destinada à comunidade interessada nele.

Possui estrutura relativamente livre, geralmente iniciada por uma introdução que situa o problema; após vem o desenvolvimento – análise do problema e argumentos que fundamentam

as ideias dos autores – e, por último, a conclusão, onde é solicitada uma mudança ou resolução do problema. Tem orientação fortemente argumentativa, pois procura persuadir os interlocutores quanto ao ponto de vista dos autores a respeito do problema apontado. Normalmente a linguagem é formal, direcionada para o seu ou os seus interlocutores.

A carta aberta, da qual o abaixo assinado é uma variante, com a diferença de que os signatários (quem assina) é um grupo ou comunidade maior, é um gênero que atende a propósito como: Protestar contra algum problema; servir de alerta para um problema; ser usada como meio de conscientização da população ou de uma autoridade a respeito de um problema; reivindicar algum direito ou serviço público ou realizar uma consulta popular, entre outros.

Ofício e Memorando

Ofícios e memorandos são comunicações escritas produzidas por quem ocupa um cargo ou desempenha uma função no serviço público. O ofício é um gênero que circula em repartições públicas e serve para as autoridades estabelecerem interações entre elas, entre subalternos e superiores e entre a administração pública e particulares em caráter oficial. Já o memorando é produzido também no meio empresarial.

O ofício, por ser documento de correspondência, só pode ser expedido (produzido) por órgão público em objeto de serviço. Seu destinatário, porém, além de outro órgão público, pode ser também um particular. As escolas são as únicas instituições fora do serviço público que podem enviar ofícios devido ao seu caráter de prestadoras de um serviço público.

Nas instituições públicas, o emprego do memorando tem sido cada vez mais intenso. Sua extensão menor, quando comparada à de um ofício, por ex., talvez explique essa preferência, visto que hoje impera a rapidez nas comunicações. Desse modo, parece-nos que o memorando é uma evolução do ofício, apresentando as mesmas especificidades daquele, apenas com um formato diferente, mais reduzido.

Quando estudamos os gêneros no domínio do serviço público, precisamos atentar para um aspecto importante na produção desse gênero: a linguagem.

Por se tratar de textos de caráter oficial, a linguagem da correspondência oficial deve ser utilizada de modo que nos garanta, da maneira mais eficiente possível, o alcance dos objetivos. Basicamente, a linguagem a ser utilizada deve ser formal, atendendo aos seguintes requisitos: clareza, correção, concisão, precisão, polidez e harmonia. Sem dúvida, o atendimento a essas qualidades facilitará enormemente a aceitação da mensagem pelo destinatário, pois, juntamente com uma boa apresentação e disposição do conteúdo, o uso adequado de termos, a ordenação clara e sucinta do pensamento causarão boa impressão e evitarão perda de tempo para o receptor.

É importante usarmos o tratamento adequado e mantermos a uniformidade dele, não misturando, num mesmo contexto, as formas através das quais nos dirigimos à pessoa ou às pessoas com quem tratamos. Um primeiro cuidado é a referência adequada ao interlocutor num contexto caracterizado pela formalidade na interação. Essa referência está relacionada com uma hierarquia denotada pelo pronome de tratamento correspondente à função ou lugar que o

interlocutor/destinatário ocupa na instituição envolvida. Respeitada a hierarquia de cada instituição (como o exército ou a Igreja Católica, por ex.), alguns pronomes são padrão. É o caso de Vossa Excelência e Vossa Senhoria. Na universidade, a autoridade máxima, o Reitor, é tratado por Vossa Magnificência.

Expressões de tratamento e o seu emprego

Vossa Excelência (V.Exa.) - Presidente da República, Governador, Embaixador, Ministro, Prefeito, Secretário de Estado, Procurador, Juiz, Presidente e Membros dos Tribunais, Almirante, Brigadeiro, General, Senador.

Vossa Magnificência (V.Maga.) - Reitor

OBS: Atualmente se nota uma tendência a incluir Reitor no tratamento de Vossa Excelência.

Vossa Senhoria (V.Sa.) - tratamento formal usado na correspondência dirigida a destinatários não contemplados com tratamento específico e aos particulares em geral.

A esses pronomes, correspondem vocativos específicos, conforme podemos analisar a seguir.

	Excelentíssimo Senhor Ministro:
	Magnífico Reitor:
Vocativo Formal	Meritíssimo Senhor Juiz:
	Ilustríssimo Senhor Diretor:

As formas Exmo. e Ilmo. são abreviações de Excelentíssimo e Ilustríssimo, respectivamente.

Ofícios e memorandos são gêneros que apresentam semelhanças com a carta, como a presença do vocativo, fórmulas de despedida e assinatura. Alguns desses fechos estão destacados abaixo e a escolha entre um ou outro implica considerações do contexto: A formalidade é máxima? A situação permite um tratamento menos formal? Existe vínculo afetivo entre os interlocutores? É adequado um tratamento menos cerimonioso?

Fechos:

Aguardando sua resposta, apresentamos a Vossa Senhoria nossa consideração.

José Ferreira,

Diretor do Departamento Pessoal.

Na expectativa de seu comparecimento, apresentamos a Vossa Excelência atenciosas saudações.

Atenciosas saudações,

Respeitosas saudações,

Atenciosamente,

José Ferreira,
Diretor.

Observação: No emprego de pronomes iniciados por *Vossa* ou *Sua*, temos o seguinte critério: *Vossa* é a referência à pessoa a quem nos dirigimos diretamente, nosso interlocutor (segunda pessoa); *Sua* se refere à pessoa de quem se fala (terceira pessoa). Em qualquer dos casos, a concordância (de verbos e de pronomes pessoais, possessivos...) é feita na terceira pessoa.

Exemplos: Encaminhamos a *Vossa Senhoria* o relatório em anexo para *sua* apreciação, informando-*lhe* que o prazo de análise se encerra no final deste mês.

Em visita à nossa instituição, *Sua Magnificência* manifestou a *sua* intenção de promover reformas nas salas de aula e *seu* desejo de implementar logo a informatização do sistema de matrícula e de registro de notas.

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)

A2. A produção textual como processo

Ao nos envolvermos com a produção e a leitura, estamos lidando com processos de produção de sentido. O que isso quer dizer?

Tomar a perspectiva de que ler e produzir texto são processos implica considerar, em primeiro lugar, que, nessas atividades/práticas de linguagem, estão envolvidas competências, operações e comportamentos os quais são mobilizados a fim de gerar um texto capaz de estabelecer uma interlocução, um espaço de negociação de sentidos entre os participantes da interação verbal.

Em segundo lugar, precisamos ter em mente que, nesses processos, demandas de natureza diversa estão envolvidas: cognitiva, linguística, textual e discursiva (social/pragmática). Da perspectiva da produção textual, o produtor necessita recorrer a habilidades que vão desde a recuperação de informações armazenadas na memória (conhecimento prévio, dimensão cognitiva), passando pelo estabelecimento de um plano/estrutura de texto (conhecimento do gênero), pela dificuldade de “tradução” do pensamento para a palavra (código escrito e suas convenções, sintaxe, vocabulário, isto é, o conhecimento da língua) até a escolha da estratégia argumentativa (discursiva, de interação) utilizada no gênero textual a ser produzido.

Atualmente, os estudiosos da leitura e da produção textual têm apontado a necessidade de a escola, fazendo os alunos transitarem entre os diversos gêneros, voltarem-se para o desenvolvimento de comportamentos leitores e escritores. O que isso quer dizer?

Em publicações destinadas ao tratamento pedagógico das teorias de leitura e produção de

gêneros textuais, como a edição de agosto de 2009 da revista Nova Escola, destacam-se, entre os chamados “comportamentos leitores e escritores”, atividades como ler para estudar, encontrar uma informação específica, tomar notas, organizar entrevistas, elaborar resumos, sublinhar as informações mais relevantes, comparar dados entre textos, enfrentar o desafio de escrevê-los.

Nesses comportamentos, como podemos notar, estão sendo mobilizadas diferentes competências e habilidades, por isso nós, enquanto futuros professores orientadores desses comportamentos, precisamos conhecer como esses processos funcionam. Aqui, vamos sistematizar alguns conhecimentos sobre o processo e subprocessos envolvidos na produção textual. Antes, porém, vamos nos voltar para nossa própria prática: O que fazemos quando escrevemos? Como iniciamos nosso trabalho? Como geramos ideias? Planejamos ou vamos escrevendo logo? Revisamos ou abandonamos nosso texto, crendo que nos faltou inspiração? O que pensamos quando somos desafiados a escrever?

Não são unânimes as percepções e as respostas, pois cada produtor tem seu percurso de trabalho, e não há um melhor ou mais adequado. Mas hoje já sabemos como, em geral, os escritores/produtores de textos agem. Vamos ler sobre isso?

Quando buscamos nos aprofundar na produção textual analisando-a como processo cognitivo, um referencial clássico é o modelo proposto por Flower e Hayes (1981). Em seus trabalhos, eles enfatizam que a produção de um texto deve ser vista como “um conjunto de processos de pensamento distintos, os quais o escritor orchestra”. Sob essa perspectiva, produzir um texto envolve uma interação complexa de vários comportamentos escritores, ou, na terminologia desses autores, subprocessos como planejar, gerar ideias, rascunhar, revisar, editar.

Segundo esses autores, o produtor, ao compor seu texto, sofre restrições impostas pela sua memória de longo termo (MLT) e pelo contexto da tarefa, entendido aqui como os elementos implicados numa determinada situação comunicativa, como o público leitor, o gênero exigido, o suporte onde será veiculado o texto, etc.

Da MLT devem ser recuperados conhecimentos úteis que, posteriormente, serão organizados ou adaptados para se ajustarem às demandas da situação comunicativa envolvida. Na MLT do escritor, encontram-se armazenados conhecimentos sobre o tema (O que escrever?), sobre o destinatário (Quem é o leitor? O que ele pode não saber sobre o tema?) sobre planos de escrita (Qual a estrutura composicional característica desse gênero? Que nível de linguagem empregar?) e sobre representações de problemas (Qual gênero é adequado para esse contexto?).

No contexto da tarefa (situação de comunicação), encontram-se dois componentes: o primeiro é o problema retórico, que se refere aos elementos envolvidos na situação comunicativa, tais como o tópico/assunto a ser desenvolvido, o leitor potencial do texto e os elementos motivadores (por que escrever? para que escrever? Para que o leitor lê aquele texto?) e o segundo é o texto produzido até certo momento, pois frequentemente o produtor interrompe sua escrita, lê o texto que está escrevendo, agrega novas ideias com essa leitura, julga se o texto produzido até aquele momento está adequado a sua intenção e recomeça a escrever.

Desse modo, produzir um texto implica a ativação de conhecimentos armazenados na MLT do escritor, a consideração de questões retóricas derivadas da situação comunicativa e a influência do próprio texto que está em construção. Isso revela que, à medida que o produtor escreve seu texto, ele vai considerando seu possível leitor, seu objetivo ao escrever e o objetivo do seu leitor,

o que ambos sabem ou desconhecem do tema, lê o que ele já escreveu até então, e assim sucessivamente.

No modelo de Flower e Hayes, o processo da produção propriamente dito desencadeia três comportamentos escritores (subprocessos cognitivos): planejamento, tradução e revisão, que, por seu lado, são acompanhados pelo monitor.

Através da busca na MLT, o produtor gera ideias as quais, por sua vez, são organizadas segundo certas metas. A seguir, quem escreve tenta traduzir seus pensamentos em palavras, convertendo ideias em linguagem escrita. No modelo, essa fase é chamada de tradução. Após, o texto construído até então é avaliado pelo componente revisão, que consta de leitura e formatação. O último componente é o monitor, uma espécie de “supervisor”, o qual desempenha a função de coordenar os comportamentos de planejar, traduzir e revisar.

Lembremos novamente que, apesar de apresentarmos essas etapas como sequenciais, elas obrigatoriamente não seguem uma ordem cronológica. Muitas vezes esses comportamentos escritores co-ocorrem ou se alternam: por exemplo, à medida que escrevo, vou planejando e revisando; outros escritores preferem fazer um planejamento e só depois começar a escrever para, quando terminado o texto, começarem uma leitura crítica a fim de re-textualizá-lo, reescrevendo-o, se necessário. Vamos detalhar um pouco mais essas etapas e comportamentos?

Ao planejar, o escritor forma uma representação interna do conhecimento a ser usado na escrita. Para construir essa representação, a MLT é acionada e dela são recuperadas e selecionadas informações relevantes. No momento seguinte, é necessário encontrar uma estrutura adequada para essas ideias, escolher, por exemplo, quais são as informações principais e quais as secundárias. Além dessa tarefa, o planejamento responde pelas decisões sobre a representação e a ordenação do texto. No planejamento, aparece outro subprocesso – o estabelecimento de meta, que responde pelas decisões do que tratar (tema/delimitação do tema) e como tratar (escolha de planos de texto, estratégias).

Na etapa de traduzir, buscamos a conversão das nossas ideias e pensamentos em linguagem verbal escrita, é a redação propriamente dita. Aqui a tarefa do escritor é executar o que foi delineado pelo seu planejamento, traduzindo o sentido em uma sequência linear coesa e coerente, reconhecível como um texto escrito. O subprocesso de traduzir exige do escritor a conformação de suas ideias às demandas do código verbal e a observação de uma série de convenções linguísticas.

O comportamento de revisar pode ser entendido como uma série de estratégias para re-textualizar, isto é, reavaliar as escolhas feitas que se concretizaram no texto, confrontando-as com as demandas da situação comunicativa e o texto efetivamente produzido. Nesse momento, o escritor concentra sua atenção em vários aspectos: o efeito do texto no seu leitor e a eficácia de sua argumentação, a correção de aspectos relativos à sintaxe, ao vocabulário, à referência, entre outros. Aqui, a leitura do texto orienta a avaliação, o produtor assume o papel de leitor de seu próprio texto.

Por último, a editoração se refere a decisões relativas à formatação do texto, à sua apresentação na página.

Uma atividade metacognitiva está implicada no comportamento chamado monitor, o qual permite ao escritor acompanhar o seu processo e o seu progresso. Flower e Hayes (1981) registram que

“O monitor funciona como um estrategista da escritura que determina quando o escritor move-se de um processo para o próximo”. O monitor, figuradamente, é o gerente, aquele que administra, metacognitivamente, o processo.

Uma premissa central desse modelo é a de que “escritores estão constantemente, instante a instante, orquestrando uma bateria de processos cognitivos no momento em que integram planejamento, lembrança, escrita e releitura” (FLOWER; HAYES, 1981). Na reportagem de capa da revista Nova Escola (jan., 2009, p. 42), enfatiza-se que “Produzir textos é um processo que envolve diferentes etapas: planejar, escrever, revisar e re-escrever. Esses comportamentos escritores são os conteúdos fundamentais da produção escrita.” Leia mais sobre o tema, acessando www.novaescola.org.br e selecionando a edição de agosto de 2009.

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)

A3. Estratégias de produção textual

Como vimos, produzir textos envolve uma série de “comportamentos escritores” e considerações a respeito da situação comunicativa, o que leva o produtor a tomar decisões: o que escrever? Para quem? Com qual objetivo?, entre outras. Também vimos que a produção textual é um processo complexo, no qual competências e habilidades de natureza diversa são mobilizadas, além de se orquestrar uma série de comportamentos escritores (planejar, traduzir, re-textualizar, monitorar). Diante disso, para melhor tratarmos com o desafio de produzirmos textos com qualidade, devemos conceber esse desafio como uma prática de linguagem que deve ser abordada estrategicamente, isto é, devemos estabelecer alguns passos para alcançarmos nosso objetivo. No que segue, explicitamos algumas dessas estratégias.

A3.1. Planejar

Essa estratégia consiste em elaborar, física (um rascunho, por exemplo) ou mentalmente, um plano inicial para a atividade, o que envolve considerações sobre o tema e o objetivo do texto, além de se ter clareza quanto à tese a ser defendida, quando, por exemplo, queremos produzir um texto organizado retoricamente em torno da defesa de um posicionamento pessoal.

Delimitando o tema

Delimitar o tema significa restringir o assunto de modo que as ideias passem por um “funil”, facilitando a organização e a ordenação. A delimitação auxilia o iniciante a evitar que o parágrafo/texto se perca na generalidade. Por exemplo: o tema Esportes pode sofrer sucessivas delimitações até se chegar a uma especificação precisa da abordagem a ser feita no parágrafo/texto.

- Esportes;
- Práticas Esportativas – o Futebol;
- A Copa do Mundo de Futebol;
- A Copa do Mundo e sua Dimensão Cultural;
- A Copa do Mundo e o Fortalecimento da Cultura do País-sede;

A ideia de que a Copa do Mundo é um evento importante para o fortalecimento da cultura do país-sede mantém a unidade do texto. Quando a delimitação toma a forma de frase declarativa, com verbo, torna-se a tese do texto.

Determinando o objetivo

Traçar/ Estabelecer um objetivo para a redação do texto auxilia a fixar, concisa e genericamente, a direção para o desenvolvimento do assunto. Ter em mente o objetivo a ser buscado na composição do texto garante a direção, ordena, seleciona a linha de pensamento. Por exemplo: para a delimitação acima, um objetivo coerente para a redação de um texto é analisar o caso da África do Sul e o do Brasil através do recorte da sua riqueza cultural, confrontando a realidade dos dois países, aquele que sediou a Copa, e este que vai, em 2014, realizar o evento.

Formulando a tese

Ter bem claro o posicionamento que se vai defender, isto é, a tese que vai orientar a seleção e organização das ideias é fundamental para o sucesso do texto. Sem uma tese clara, o produtor se perde em generalidades, repete o senso comum. Para a delimitação e o objetivo traçados acima, uma tese coerente é a de que a Copa do Mundo é uma oportunidade de o país sede fortalecer sua cultura.

Esse tópico será desenvolvido em profundidade na unidade D.

Procure em www.correiodopovo.com.br o texto Arte e Copa do Mundo, de Caco Coelho, publicado na seção Crônicas da Cena, edição de 19/06/2010 ou solicite o arquivo para o tutor da disciplina. Nessa crônica, o autor desenvolve seu texto em torno da delimitação, do objetivo e da tese apresentados acima.

A3.2. O plano do texto e as estratégias de desenvolvê-lo

Estabelecidos o tema e a sua delimitação, o objetivo e a tese, começamos a pensar em como concretizar esse plano, isto é, como organizar nosso texto. A seguir, sistematizamos alguns conhecimentos sobre possibilidades de desenvolver textos. No processo de construção do sentido e da argumentação, essas possibilidades são vistas como estratégias de que o produtor lança mão para construir um texto coeso e coerente, que mantém tanto a unidade quanto a progressão.

Nos fragmentos abaixo, veja como os redatores iniciaram seus textos.

Eles estão por toda parte. No ar, nos alimentos e até no organismo de homens e animais. Desempenham funções vitais para o equilíbrio da natureza, mas também são protagonistas de doenças capazes de exterminar outras espécies. Tudo dentro de apenas uma célula de dimensões micrométricas. Não por acaso, as características de certos tipos de fungos e bactérias há muito encantam os cientistas que buscam fórmulas para transformar elementos naturais em combustíveis renováveis. Com uso de técnicas de biologia sintética e transgenia, essa admiração é a grande aposta para o futuro da produção de fontes de energia mais verdes. Os micro-organismos não são novatos na função. Na safra 2008/2009, as leveduras, espécie de fungo unicelular, contribuíram para fermentar o caldo de cana-de-açúcar e produzir 27,5 bilhões de litros de etanol no país. (*Usinas Microscópicas*. Disponível em: <www.info.abril.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2010).

Comentário → Note que interessante ficou a abertura do texto, pois, inicialmente, não há nenhuma referência no parágrafo sobre qual referente se está tratando. Essa aparente desorientação do leitor é uma possibilidade de iniciar tanto um texto quanto um parágrafo chamada de *omissão de dados identificadores*. O produtor vai apresentando o referente sem nomeá-lo, isto é, vai selecionando informações sobre o referente para, somente no meio ou no final do parágrafo, indicar o tema/assunto. Claro que o título e o subtítulo esclarecem frequentemente o tema, mas a omissão de dados identificadores é um recurso retórico que atrai o leitor.

Carbono é uma palavra suja. Nós o queimamos demais, produzindo milhares de toneladas de dióxido de carbono que ameaçam destruir o clima de nosso planeta para as gerações vindouras. Antes disso, ele já era o vilão disfarçado de fuligem que saía das chaminés de fábricas e tornava as cidades escuras. É uma reputação e tanto para carregar.

Mas agora nosso inimigo de longa data pode estar prestes a se tornar nosso melhor amigo high-tech. À medida que aprendemos a modelar o carbono em nanoescala – em tubos e folhas, esferas e fitas –, horizontes totalmente novos e inesperados se abrem para nós. (*O futuro é do carbono*. Disponível em: <www.info.abril.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2010).

Comentário à Veja que agora a estratégia é outra: o autor inicia com uma caracterização pessoal, subjetiva do carbono, relacionando-a à ideia de sujeira, poluição, perigo. Essa imagem negativa é destacada ao longo do início do texto. Observe como se faz a referência ao carbono: *o vilão disfarçado de fuligem e nosso inimigo de longa data*. Isso tem um objetivo: como o texto vai abordar uma mudança de perspectiva sobre o carbono, ressaltar o tratamento. associados a esse elemento até então destaca o contraste de como o carbono será visto a partir de agora: *nosso melhor amigo high-tech*.

Construir um *contraste*, apontando mudanças de perspectivas ou ressaltando diferenças num processo de comparação, é outra estratégia bastante usada pelos redatores. Quando não se exploram as diferenças, mas as semelhanças, temos o mesmo processo de comparação, porém se constrói um *paralelo*. Agora, vamos analisar outras estratégias de organização e composição textual.

A feição mais comum de se iniciar um texto ou parágrafo é com frases declarativas através das quais se afirma ou se nega alguma coisa. A essas declarações se seguem justificativas para

esclarecer e fundamentar as asserções.

A *interrogação* é uma forma interessante de abordar o tema: o texto/parágrafo começa com uma pergunta, seguindo-se o desenvolvimento sob a forma de resposta ou de esclarecimento. Muitas vezes, usa-se a interrogação retoricamente: na realidade, não se quer perguntar para sanar um questionamento, uma dúvida; lança-se a pergunta para o leitor como uma forma de reforçar uma crença, uma ideia que provavelmente ambos (produtor e leitor) já compartilham ou já é do conhecimento do leitor. A esse procedimento dá-se o nome de *pergunta retórica*.

Igualmente interessante é a *definição*: o autor define algo, isto é, apresenta as características diferenciadoras do objeto ou do conceito em questão. A definição pode ser conotativa (pessoal, sugestiva) ou denotativa (objetiva, científica, técnica). É uma estratégia com alto poder argumentativo (retórico), pois, através da definição conotativa, o produtor expressa valorações (positivas ou negativas) sobre o referente. Através da definição denotativa, ele apresenta conceitos respaldado no saber científico, o que confere credibilidade ao seu texto. O exemplo do carbono analisado anteriormente exemplifica a riqueza expressiva da definição.

Quando o tema é complexo, um recurso didático é explorar a *divisão*, isto é, apresentar o tema sob a forma de discriminação das ideias a serem desenvolvidas. Aqui, recorre-se à ordenação e à enumeração, que explicita se serão dois, três ou mais os aspectos tratados no texto. É um guia tanto para o produtor, que, diante de muitas informações, organiza sua escrita, quanto para o leitor, que tem sua leitura facilitada, pois sabe qual a ordem de apresentação das informações.

Outra estratégia é a *alusão histórica*: inicia-se o texto/parágrafo aludindo a um fato acontecido, real ou fictício. Aqui se organiza o parágrafo em torno da narração, de ações sequenciadas.

E por fim a *omissão dos dados identificadores*. Essa estratégia é muito utilizada em artigos e reportagens jornalísticas, consiste em ocultarem-se elementos referenciais sobre o tema, que somente vão aparecer no desenvolvimento com o objetivo de criar certo suspense no leitor. Essa estratégia foi empregada na matéria sobre fungos e bactérias comentada na seção anterior.

A3.3. O Parágrafo - Uma Microestrutura Composicional e Retórica

Para produtores iniciantes, categoria à qual pertence a maioria dos nossos alunos, estudar o parágrafo tem se mostrado uma eficiente ferramenta para que os estudantes/escritores superem algumas das dificuldades com que lidam ao se envolverem no desafio de produzir textos com qualidade. Centrar a atenção no parágrafo padrão, unidade de sentido que apresenta estruturas composicionais e retóricas em muito semelhantes às presentes em textos de base dissertativa, pode ser o primeiro passo para tornar o processo de escritura de um texto mais familiar e mais tranquilo.

Desse modo, como opção metodológica, vamos partir da produção de uma microestrutura - o parágrafo - para qualificar nossa prática de, num segundo momento, elaborar, compor e retextualizar uma unidade maior - o texto.

O que é o parágrafo? O parágrafo é uma unidade de composição, uma microestrutura de uma totalidade, o texto. Estruturalmente, são blocos ou parcelas de texto que concretizam uma

divisão sequenciada de informações ou pensamentos. Constitui o parágrafo um aliado não só do produtor do texto, mas também do leitor.

A paragrafação é um útil recurso para o escritor, pois auxilia a distribuição das ideias e informações em parcelas (unidades) de significação ao longo do texto, evidenciando para o seu leitor as estratégias retóricas e argumentativas. Por exemplo: no parágrafo de introdução, o produtor situa o problema a ser abordado e lança um questionamento sobre as causas desse problema. O que isso sinaliza para o leitor? Qual deve ser a estratégia para desenvolver os parágrafos subsequentes? Como poderá ser a conclusão, o fechamento desse texto?

Veja se, no segmento abaixo, analisado o parágrafo de introdução, não podemos hipotetizar como o restante do texto será desenvolvido:

Mais de 350 milhões de pessoas circulam por mês nas centenas de shopping centers brasileiros. No mundo todo, pode se supor que, a cada 30 dias, o equivalente a toda a população chinesa – algo em torno de 1,35 bilhão – vá a algum desses “templos do consumo”. Mas, por quê? O que têm esses espaços para atrair e seduzir tanta gente ao redor do planeta?

(Fonte: artigo Templos de consumo e lazer, de Cinthia Scheffer, publicado em 27/06/2009).

Muito provavelmente, os parágrafos de desenvolvimento deverão apresentar as causas do problema e, na conclusão, apontar-se-á uma solução para ele. Essa é uma das possíveis estratégias retóricas que ficam sinalizadas pela forma como se compôs o parágrafo de abertura do texto.

O parágrafo se converte em poderoso auxiliar também para o leitor, pois lhe facilita a leitura e a compreensão do texto e dá-lhe folga para acompanhar a linha do raciocínio do autor. Imagine quão cansativa, tediosa e difícil seria a leitura de um texto sem parágrafos!

Estruturalmente, o parágrafo, na grande maioria das vezes, compõe-se de um grupo de frases que, relacionadas umas às outras e tomadas em seu conjunto, formam um todo com coerência, unidade e consistência, qualidades básicas de um bom parágrafo.

Em um texto, normalmente existe um ou dois parágrafos que introduzem o tema, outros que o desenvolvem e um último que conclui o texto. Essas diferentes funções dos parágrafos nos textos, principalmente os organizados retoricamente como dissertação, são apresentadas em C3. Nesse item, igualmente se apresentam diferentes possibilidades e feições de construir esses parágrafos.

A estrutura do parágrafo

A organização básica de um parágrafo se dá em função de uma ideia-núcleo para a qual convergem, pelo sentido, outras secundárias que a desenvolvem. Conforme Othon Garcia (1995), a organicidade de um parágrafo-padrão exprime-se, em geral, através da interdependência das seguintes partes:

- a. **tópico-frasal (TF) ou período tópico:** consiste em um período ou dois iniciais que expressam, de maneira geral e sucinta, a ideia-núcleo do parágrafo. O período tópico orienta e governa o resto do parágrafo; ele vai ser o roteiro do escritor; ele é o período – mestre, que contém a frase-chave;

- b. **desenvolvimento (D)**: é formado por períodos secundários, periféricos, que constituem explicações, detalhes ou desenvolvimentos da ideia nuclear;
- c. **conclusão (C)** é um período que anuncia o clímax do parágrafo ou sintetiza seu conteúdo;
- d. **transição (T)**: constitui-se de palavras ou frases que ajudam a conectar as ideias secundárias com a principal, as ideias secundárias entre si, ou estabelecer uma ponte entre um parágrafo e outro. As palavras ou construções transacionais ajudam a desenvolver explicações, mudar o curso da discussão, enfatizar ou ilustrar; são importantes para organizar e dar coesão interna aos parágrafos e ao texto.

As conjunções, os pronomes, os sinônimos e a pontuação são alguns recursos que mantêm a relação entre um parágrafo e o anterior ou a ligação entre uma frase e a anterior, dentro de um parágrafo.

Observação: Na unidade seguinte, no item B3, os elementos de transição de que nos fala Othon Garcia (1995) são referidos como elementos de coesão, ou seja, a terminologia difere, mas a função e a expressão desses elementos é a mesma: garantir a retomada e o encadeamento dos referentes e das sequências linguísticas, favorecendo a coerência, a unidade e a progressão do texto.

Verifique como, nos três exemplos a seguir, podemos identificar “um mini-texto”, com o TF como Introdução, seguido de frases do desenvolvimento e a conclusão como fecho da unidade/parágrafo.

- A. *O hábito da leitura converte-se em um poderoso aliado na produção de textos. Os bons leitores e até leitores menos assíduos sabem que essa prática é um poderoso auxiliar no momento em que necessitam redigir um bom texto. Esse é o caso da redação no vestibular. A leitura não só aumenta o poder de argumentação do candidato, mas também lhe oportuniza a exposição a textos bem construídos, o que lhe viabiliza um conhecimento na hora de construir o seu próprio texto. Embora esse conhecimento não assegure, necessariamente, um bom desempenho na produção, pelo menos possibilita a familiaridade com a escrita, uma prática que, infelizmente, não faz parte do cotidiano da maioria dos jovens brasileiros. (redação de aluno)*
- B. *Cada vez que um machado ou motosserra abate uma árvore está aumentando o déficit florestal do Estado. A floresta, por mais inútil que possa parecer, sempre tem uma relação direta com a nossa vida a terra. As matas absorvem o gás carbônico e renovam o oxigênio, através do processo da fotossíntese. É em geral, no seio de apenas uma floresta que nascem dezenas e até centenas de pequenos, às vezes ínfimos, córregos que formarão imensos rios. As florestas mantêm, também, o ciclo da evolução dos animais e demais vegetais, como orquídeas, bromélias e xaxins. Toda vez que se cuida de uma área dessas, conseqüentemente, conserva-se a vida (Zero Hora. Caderno D. 04/06/89).*
- C. O comportamento humano é de dois tipos: simbólico e não-simbólico. O homem boceja espreguiça, coca-se, grita quando sente dor, encolhe-se de medo, arrepia-se, etc. o comportamento não-simbólico desse tipo não é peculiar ao homem, ele apresenta isso não só como os primatas, mas como muitas outras espécies animais. Mas o homem pode comunicar-se pela palavra, usa amuletos, confessa faltas, faz leis, observa códigos de etiqueta, expõe seus sonhos, classifica seus parentes em distintas categorias, etc. essa forma de comportamento é única, só o homem é capaz de realizá-la e ela é peculiar aos símbolos. O comportamento não-simbólico do homem é o comportamento do homem animal; o simbólico é o do homem ser humano (Hayakasa, retirado de Magda Becker Soares e Paulo Campos,

Técnica de Redação).

3) Observação: Às vezes, o parágrafo não apresenta tópico-frasal explícito, tendo a ideia nuclear de ser depreendida por meio de todo o parágrafo. Pode, também, não apresentar conclusão. Isso revela que não há moldes rígidos para a construção do parágrafo.

Exemplo de um parágrafo com tópico frasal implícito, pois já se inicia o parágrafo com a apresentação de detalhes, isto é, com o desenvolvimento:

Na Idade Média, as aulas da Universidade de Paris começavam às cinco horas da manhã. As primeiras atividades contavam de palestras ordinárias: eram as mais importantes palestras do dia. Após várias palestras regulares, havia pequeno lanche: depois, os estudantes assistiam a leituras extraordinárias, da dadas à tarde pelos professores menos importantes, os quais geralmente tinham de 14 a 15 anos. O estudante gastava 10 ou 12 horas diárias com os professores, assistindo às aulas até à tardinha, quando ocorriam eventos esportivos. Depois dos esportes, o dia escolar prosseguia: existiam, ainda, as tarefas de copiar, recortar e memorizar as notas, até a luz permitir. Havia pouco intervalo no calendário escolar; as férias de Natal eram de aproximadamente três semanas, e as férias de verão, apenas de um mês. Qual seria o TF desse parágrafo? Vamos exercitar a redação, formulando um tópico frasal para esse parágrafo.

Agora, vamos prosseguir conhecendo outras possibilidades de organizar um parágrafo/texto especialmente seu desenvolvimento. Ao produzir o texto, essas possibilidades se convertem em estratégias de produção textual. Desse modo, além da omissão de dados, da definição e da divisão, das perguntas e de alusões históricas, podemos lançar mão das seguintes estratégias: comparação, analogia, descrição de detalhes, exemplificação, apresentação de causas e consequências, apelo ao testemunho de autoridades e relação temporal/espacial.

Comparação - Paralelo e Contraste

*Nos 1.134,017 km do território sul-africano, é possível encontrar turísticas **tão variadas como** as existentes no Brasil, que é oito vezes maior. A região vinícola da Província do Cabo **lembra** muito a zona do Rio Grande do Sul; as matas e savanas do interior do país correspondem aos cerrados e florestas da Amazônia e do Mato Grosso (embora a fauna sul-africana não tenha rivais, com seus leões, elefantes, rinocerontes, girafas, etc.). (Folha de S. Paulo, 25/02/88).*

Comentário à Nesse modo de desenvolvimento, estruturas típicas da comparação, verbos, advérbios e adjetivos que denotem contraste ou paralelo serão as marcas características.

*A civilização da cana é uma civilização carnal. A do sertão tem a dureza do osso. As crianças do litoral brincam nuas entre os arbustos de fumo ou as moitas de bananeiras; os homens trabalham no campo de dorso nu; as mulheres deixam adivinhar, sob os vestidos leves, a beleza das formas brancas e negras. O corpo do vaqueiro, **ao contrário**, esconde-se sob uma couraça de couro, desde o chapéu redondo de couro de veado, até as pesadas botas que protegem as pernas contra os possíveis arranhões, pois precisa lutar contra os espinhos, contra os cactos de pontas eriçadas, contra os arbustos inimigos (Roger Bastide, Brasil, terra de contraste).*

Clichê é o segundo mecanismo básico da linguagem da televisão. **Contrariamente** ao signo, em

que o telespectador não sente a violência das mensagens televisivas porque mantém um escudo contra elas, aqui, ele se entrega à estória, sente emoção, se entristece, chora, sente saudade, vive com a personagem. Ou seja, se na linguagem dos signos, ele se separa da emoção, na linguagem dos clichês ele se funde com ela, entrega-se a ela. **Enquanto** no signo o indivíduo se isola, racionaliza (dá explicações falsas), intelectualiza suas emoções, no clichê o acesso à lembrança é espontâneo e natural. O clichê retrata o emocional, que busca insistentemente uma saída para a consciência, caracterizada pela forma repetitiva de agir, isto é, as pessoas buscam frequentemente reviver emoções antigas através das representações da TV (Adaptado de Ciro Marcondes Filho. *Televisão, a vida pelo vídeo*).

Analogia

Escorraçada de toda parte, vivendo sempre **esfomeada**, tendo que subsistir sem morada certa, apunhalada aqui, estrangulada ali, não desejada em verdade a não ser por uns poucos e loucos humanistas e revolucionários através da história, é ridículo se representar a liberdade como uma bela com um facho eternamente aceso na mão, os traços finos, a fisionomia tranquila e altiva. A **liberdade** é um **cachorro vira-lata** (Millor Fernandes).

Comentário à A analogia é uma espécie de comparação que recorre a uma imagem conhecida para se tratar o desconhecido ou um tema muito abstrato. Parte-se do que é familiar ao leitor para lhe apresentar o que é novo. Através da analogia, aproximam-se dois referentes, no exemplo, a liberdade e um cachorro vira-lata, que, na mente e criatividade do autor, têm algum tipo de semelhança.

No alforje da minha memória, o Brasil é protagonista e cúmplice. Sobre esta pátria teço considerações triviais, trago a matéria do sonho para o plano do visível. E traduzo a realidade que nos circunda a partir do lar. Afinal, a **casa** é, em seu todo, **a medida de todos**. Ela **espelha o tecido social** em que nos movemos. Entre as paredes amigas cercada de coisas inanimadas, reproduzo a vida e a história brasileira nas estranhas analogias que faço. Assim, **um objeto**, escolhido a esmo, **simboliza** de repente **o esforço coletivo de muitas gerações**.

A cozinha, por exemplo, é certamente a fantasia do corpo. Ali afloram tradições brasileiras. Em meio aos olores e sabores, que exalam os sentidos, confere-se o grau do progresso econômico, rasteia-se a genealogia brasileira. Tudo em torno do fogão tem, pois, expressão humana. A imaginação tropical, intensa e desbragada, emerge das painéis da feijoada da sensualidade que apura o paladar (Nélida Piñon, *Correio do Povo*, 15/03/2002).

A vida das grandes cidades aumenta os índices de **doenças do coração**. Imagine o leitor, por exemplo, um **automóvel** dirigindo suavemente, com trocas de marcha em tempo exato, sem freadas bruscas ou curvas violentas. A vida útil desse veículo tende a prolongar-se bastante. Imagine agora o contrário: um automóvel cujo proprietário se compraz em arrancadas de “cantar pneus”, curvas no limite de aderência, marchas esticadas e freadas violentas. A vida útil deste último tende a decair miseravelmente. O mesmo podemos fazer com o nosso coração. Podemos conduzi-lo com doçura, em ritmo de alegria e de festa, ou podemos tratá-lo agressivamente, exigindo-o fora de seu ritmo e de seu tempo de recuperação.

Descrição de detalhes

Os anos de guerra e dominação soviética foram responsáveis, involuntariamente, por preservar a cidade mais ou menos como era em fins do século 19, em seu maior esplendor. Fachadas em mau estado, interiores ainda piores e a fuligem que cobre os prédios não conseguem diminuir a beleza e o charme dessa cidade viva, maliciosa, cheia de segredos, combinando nostalgia e realismo em doses iguais. É uma cidade doce, mas não doce demais – como os doces húngaros, uma das maravilhas da nossa civilização (Artur Nistrovski. In: Caderno de Turismo, Budapeste, Folha de S. Paulo).

Comentário à Organizar um parágrafo com descrição de detalhes é aconselhável quando buscamos descrever um referente, no exemplo, a cidade de Budapeste. Apresentam-se características, pormenores, informações detalhadas sobre o referente. Verbos de ligação, adjetivos, substantivos concretos, exemplos são algumas das marcas linguísticas com que se estruturam parágrafos com esse modo de desenvolvimento.

Elas atendem o telefone e tomam providências de emergências, como desligar o forno que o dono esqueceu ligado, ou acender a lareira para que ele tenha maior conforto nas noites frias. São as casas espertas, que começam a aparecer nos Estados Unidos e no Japão. Administradas em alguns casos, por mais de 1000 microcomputadores, possuem sensores e controles ligados em todas as partes. Podem aumentar ou diminuir a potência de suas próprias lâmpadas, ou então, abrir e fechar as janelas e cortinas. Assim, regulam a iluminação, ou protegem a resistência contra a chuva. Também ficam atentas à temperatura dos fornos aos odores do banheiro, à circulação de ar e ao nível de ruído nas salas. Nem a pressão sanguínea e o ritmo cardíaco dos donos a elas passam despercebidos: basta tocar os dedos em medidores especiais, no banheiro para obter essas informações. E as novidades não são apenas eletrônicas: algumas das novas casas são feitas com plástico tão leve como uma almofada, mas tão sólido quanto o aço. O lar da nova geração deve inaugurar um estilo novo de morar, e de viver (Superinteressante).

Exemplificação

*Toda família tem no fundo do guarda-roupa uma peça que não quer lavar ou expor ao sol. Pouco importa a imponência ou a simplicidade do sobrenome. Pode acontecer tanto com os Silva como com os Rockefeller. Os Nicholson, **por exemplo**, tiveram que se abalar, há pouco, com os trapos e os retalhos que preferiam manter escondidos no baú do esquecimento. Foi quando o mais famoso da família – o astro de Hollywood, Jack Nicholson – ficou sabendo, por acaso, de um segredo que seus pais e parentes guardavam a sete chaves. Jack tinha 38 anos quando descobriu que não era filho da mãe que chamava de Mud, mas de June, que julgava ser sua irmã mais velha (adaptado de Criativa, nº 62. Perigos do Silêncio).*

Comentário à Na argumentação, existe a máxima de que “é melhor mostrar do que apenas declarar”, isto é, prover nosso texto com exemplos, casos (concretos ou fictícios) que ilustrem o teor das nossas ideias torna na argumentação mais vigorosa. Palavras como exemplo, ilustração ou os verbos a elas relacionados (exemplificar/ilustrar), além de construções como, por exemplo, isto é, este é o caso de, dentre esses, entre os quais, são algumas das marcas linguísticas que identificam esse tipo de desenvolvimento.

Muitos poluidores químicos contribuem para degradar os rios. Os resíduos industriais são **o**

exemplo mais dramático do prejuízo causado às fontes naturais de água, pois contêm uma série de elementos químicos altamente prejudiciais à vida aquática, **como** o benzeno, o aldeído e várias espécies de ácidos. Os agrotóxicos são também poluidores que alcançam os rios, envenenando e matando inúmeros organismos, principalmente os peixes. Além desses, os esgotos residenciais transportam para os rios diversos tipos poluidores químicos, **dentre os quais** o mercúrio. (Luis Carlos Figueiredo, A redação pelo parágrafo)

A vida agitada nas grandes cidades aumenta os índices de doenças do coração. **Imaginemos** um chefe de família que deixa a sua casa, às 6h30min da manhã. Logo de início, tem de enfrentar a fila da condução. A angústia da demora: será que vem ou não vem o ônibus? Finalmente, vem. Superlotado. Sobe ele, aos trancos, e logo enfrenta a roleta. – Troco? – Não tem troco pra cem. Espera um pouco passa na roleta. Agora tem, pode passar. Finalmente o ponto descida. O relógio de ponto. Em cima da hora. Nesse momento, relógio do coração do nosso amigo já passou do ponto. Está acelerado. Suas coronárias sofrem sob o impacto do estresse e entram em débito de fluxo sanguíneo (Suarez Abreu, Curso de Redação)

Apresentação de causas e/ou efeito

Históricas ocupações irregulares em encostas. Chuvas acima do esperado. Falta de infraestrutura para suportar grandes tempestades. Herança maldita de gestões anteriores. **A culpa**, em última análise, é dos moradores que se instalaram ali, porque o poder público não pode contê-los. Essas são algumas das **justificativas** dadas pelo governador do Rio de Janeiro e pelo prefeito de Angra dos Reis para a tragédia que abateu a cidade do litoral sul fluminense no início deste ano. Nesta terça-feira (6), novas tormentas fatais fizeram a cantilena de três meses atrás ressurgir (David Coimbra, Zero Hora, 06/04/ 2010).

Comentário à Uma das estratégias mais encontradas em textos é a análise de causas e consequências envolvidas em um problema. É uma estratégia de base racional, pois recorremos a uma análise baseada na explicitação de uma relação lógica. Substantivos, advérbios, conjunções e locuções, além de verbos, são elementos da língua que auxiliam a construir esse modo de organização do parágrafo. Veja: causa/motivo/razão; efeito, consequência, fruto; gerar, causar, motivar, levar a; desse modo, conseqüentemente, em função de, devido a, por causa de; porque, pois, visto que, de modo que, tal que, tanto, entre tantos outros elementos linguísticos típico desse modo de desenvolvimento.

Os motivos para a nova corrida às pesquisas são inequívocos e assustadores. De um lado, um dos quatro parasitas da malária, o *Plasmodium falciparum*, justamente o que **acarreta** a forma mais grave, desenvolveu insuspeitada resistência à nivaquina, substância que até então apresentava ótimos resultados no combate à doença. De outro lado, o próprio vetor da moléstia, o mosquito anófele, tornou-se resistente ao inseticida DDT. **Junte-se a isso** o quadro desolador em matéria de saneamento na grande maioria dos países onde a malária costuma atacar e ainda o desflorestamento caótico, como é tipicamente o caso da instalação de garimpeiros em Roraima, no norte do Brasil. O **resultado** dessa coleção de desastres aparece em todos os números dos relatórios da Organização Mundial de Saúde: um terço da população do planeta está exposto à doença (Superinteressante).

Apelo ao testemunho de autoridade

*“Estou há 20 anos no funcionalismo e afirmo, a partir da realidade que **vivencio** neste tempo todo, no caso o Judiciário, que a grande maioria dos servidores são pessoas sérias e comprometidas, e o que todo o serviço público precisa é de uma modernização da sua estrutura, de modo que haja espaço para se valorizar os que se destacam, os que se atualizam, afastando-se a cruel e injusta realidade de hoje, em que, em regra, os melhores só são penalizados, pois para estes quase sempre o que sobra é mais serviço e responsabilidade, até como forma de compensar o prejuízo do incompetente, protegido que é pelo manto da estabilidade.” (Carlos Eduardo Richinitti, juiz de Direito, diretor do Foro de Porto Alegre. In: Zero Hora, 12 nov. 2009).*

Comentário à Recorrer a depoimentos, citações, análises e explicações atribuídas a especialistas ou pessoas que vivenciam os problemas é bastante argumentativo, pois o autor fundamenta sua exposição em fontes reconhecidas ou confiáveis. Esse procedimento torna o texto polifônico explicitamente. À voz do autor se somam outras, a de pessoas que têm um saber técnico ou testemunho relevante para o que se defende no texto. As conjunções ou locuções conformativas, orações substantivas, discursivo direto/indireto marcam esse tipo de desenvolvimento.

*Quando eu ainda não sabia ler, brincava com os livros, e imaginava-os cheios de vozes, contando o mundo. **Cecília Meireles** nasceu poeta. Bonita, de grandes olhos verdes, sorriso aberto, distante e reservada. “Pastora de nuvens”, como aparece em sua poesia, marcada por uma “ausência do mundo”. **Explicava:** “em toda a vida, nunca me esforcei por ganhar nem me espantei por perder”. A noção ou sentimento da transitoriedade de tudo é o fundamento mesmo da minha personalidade (Almanaque Brasil de Cultura Popular, nº24).*

*Quantos diabos há? O número é infinito! **Um célebre demonógrafo, o Dr. Wier**, diz que há espalhados pela terra 44.635.569 diabos! Mas **outro doutor em demonologia**, igualmente célebre, **Blook**, diz que esse cálculo fica muito aquém da verdade, porque cada homem tem um diabo que o acompanha sempre como sua própria sombra, devendo, portanto, o número de diabos ser igual ao número de criaturas de que se compõe a humanidade e isso sem contar os demônios vadios, que andam pelo ar, pelo solo, pelas águas, sem ocupação, passando... (Olavo Bilac).*

Observação: Nesse parágrafo, Olavo Bilac está parodiando o discurso científico, criando nomes de cientistas e apresentando dados que só existem em sua imaginação. A paródia é uma crítica ao cientificismo. Será que algum cientista, na época de Bilac, iria se interessar por responder à pergunta inicial? A ciência lhe daria métodos para isso?

Relação temporal e/ou espacial

*Os gaúchos sabem e gostam de ensinar que tomar chimarrão é um **ritual**. A água é mantida quente, na chaleira junto ao braseiro, sobre o fogo brando da trempe ou na garrafa térmica. O mate de tom verde forte, cheiroso, é ajeitado com esmero na cuia, com ajuda da bomba. É preciso deixar um espaço livre entre a massa de mate e um lado da parede da cuia, para derramar água quente. **Por fim**, é sorver quietamente, sozinho ou em boa companhia e pensar na vida. É bebida de comunhão (Ícaro, nº182).*

Comentário à Quando se organiza um parágrafo apresentando ações, procedimentos ou fatos numa sequência temporal, temos uma ordenação com base na relação temporal. Quando organizamos nosso parágrafo destacando lugares, localizações e espaços físicos, temos uma relação espacial. Podemos ter os dois modos conjuntamente. Advérbios, conjunções, locuções, substantivos e expressões referenciais das áreas semânticas de tempo e de lugar são as marcas linguísticas mais características.

Na estação seca, as areias do fundo do rio Negro afloram. Belas e temporárias, as praias surgem. **Entre junho e novembro**, as chuvas são menos frequentes, e o nível dos rios baixa cerca de oito centímetros por dia. Nessa época, surgem as belas praias do Rio Negro, algumas acessíveis apenas por barco. No fim do ano, chove intensamente, e as areias claras desaparecem. Tudo submerge, menos as copas das árvores, que são vivas testemunhas dos caprichos do clima. (adaptado da revista Geográfica Universal).

Estranho **destino** o de Delos. Santuário sacratíssimo de Apolo, deus-sol, da luz, da poesia. Empório comercial, centro do mercado de escravos do mundo mediterrâneo romano. Banhos de sangue, repetidas destruições totais, abandono. **Depois, no fim do século passado**, campo de pesquisas arqueológicas que reconstróem sua história. E, **agora**, feira turística (A ilha sagrada de Apolo e Ártemis, Geográfica Universal, 09/92).

A carruagem parou **ao pé de uma casa amarela**, com uma portinha pequena. **Logo à entrada** um cheiro mole e salobro enojou-a. A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a cal caía, e a umidade fizera nódoas. **No patamar da sobreloja**, uma janela com um gradeadozinho de arame, parda do pó acumulado, coberta de teias de aranha, coava a luz suja do saguão. E **por trás de uma portinha**, ao lado, senti-se o ranger de um berço, o chorar caloroso de uma criança (Eça de Queiros, O primo Basílio).

As indicações de um clima extremo estão por todas as partes do globo. **Na Europa**, muitos países estão vivendo um verão equivalente ao da região tropical do mundo. **Em junho e julho**, a França teve temperaturas de até 7°C acima da média dos anos anteriores. **Na Suíça**, junho foi o mais quente em 250 anos e, **há poucos dias**, Londres registrou sua temperatura recorde em mais de três séculos: 37,5°C. **Na Índia**, as temperaturas das últimas semanas chegaram a 49°C, cinco a mais do que a média neste período do ano. **Desde maio**, 1,4 mil pessoas morreram no país em consequência do calor (Um calor para passar à História, Zero Hora, 13/08/2003).

No que segue, destacamos possibilidades de encerrar o texto ou mesmo o parágrafo. Enquanto introduções bem escritas ajudam a atrair leitores, conclusões bem escritas ajudam a convencê-los. As conclusões podem variar conforme os objetivos e o grau de informação pretendidos pelo autor. Nessa etapa, devemos reorganizar enfaticamente os principais aspectos do desenvolvimento em frases expressivas, a fim de que seja completada a discussão do assunto. É a conclusão que determina a impressão final que o leitor terá do nosso texto.

Segundo Moreno & Guedes, a conclusão “serve para lembrar ao leitor o significado do texto que ele está acabando de ler. Não pode ser, portanto, uma mera recapitulação do parágrafo introdutório”. Veja algumas possibilidades de compor essa parte do texto. Os exemplos são retirados de parágrafos cujo tema são as telenovelas. Mesmo se tratando do parágrafo, o mecanismo pode ser estendido ao texto.

Referência ao título, retomando-o, ou reafirmação da ideia central, reforçando-se a tese

defendida ao longo do parágrafo/texto: Ex.: O nível das telenovelas deve-se, portanto, a essa combinação de fatores.

Citação, recorrendo-se a um especialista, ao testemunho de autoridade. Ex.: Como disse Arruda, falando da televisão argentina: “o nível da programação está diretamente relacionado à participação do espectador no processo cultural de seu país.”

Frase generalizante, isto é, declarações que reafirmam o apresentado nas partes precedentes. Ex.: Do exposto, parece que uma forma de narrativa está surgindo na televisão do continente.

Advertência ou sugestão, destacando atitudes e ações necessárias para alterar determinada realidade. Exemplos:

A nova forma de narrativa que se está desenvolvendo na televisão brasileira não pode continuar a ser ignorada pelos teóricos da cultura, sob pena de perderem eles todo o contado com a realidade.

Os teóricos da cultura bem poderiam dedicar mais atenção a esse novo tipo de arte narrativa.

Observação: Embora não tenha sido feito um estudo exaustivo do tema, esse elenco de possibilidades de composição de textos permite a você delinear um quadro, posicionando essas alternativas como estratégias de produção textual/ mecanismos de argumentação e cujo conhecimento (e consciência) permitem ao produtor iniciante qualificar suas práticas.

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)

Atividades Unidade A

Fórum I – Para a participação no Fórum da Unidade I, é necessária a realização das Atividades 1 e 2.

Atividade 1 – Acesse www.novaescola.org.br, e vá à Edições Anteriores. Selecione a edição de janeiro de 2009. Leia a reportagem de capa da edição, que destaca a Produção de Texto, para descobrir por que “A redação escolar acabou”.

Atividade 2 – Para reflexão e discussão: No domínio de um curso na modalidade da EAD, quais gêneros circulam? Quais são produzidos? Quais são consumidos?

Atividade 3 – Produção de e-mails. Essa atividade será postada no ambiente.

Atividade 4 – Imagine que você é o Secretário de Turismo de sua cidade, cujas belezas naturais e culinária típica constituem uma promissória área de investimento. Foi-lhe solicitado produzir um texto para ser divulgado no Caderno de Turismo do Jornal Zero Hora convidando os leitores a

conhecer a cidade. Para produzir seu texto, você deve considerar:

- a. que tipo de leitor lê o Caderno de Turismo?
- b. que estratégias você pode usar para despertar o interesse pela leitura?
- c. de que argumentos você proverá seu texto para que esse leitor se motive a conhecer sua cidade?

Formule explicitamente o planejamento para o seu texto e acompanhe no ambiente as orientações para a realização dessa prática.

Atividade 5 – Consideremos a seguinte situação comunicativa: Foi solicitado a um redator da revista Nova Escola que produzisse um texto sobre um problema que vem se intensificando nas escolas, o *bullying*. O público alvo do texto são os professores do Ensino Fundamental e Médio. Após a busca de informações, o redator considera as seguintes possibilidades de organizar seu texto:

1. Inserir depoimentos de vítimas do *bullying*;
2. Destacar iniciativas da sociedade para enfrentar o problema, como projetos de lei e sanções penais para quem pratica o *bullying*.
3. Relatar casos de extrema violência ocorridos em escolas americanas motivados pelo *bullying*. O conhecimento desses casos divulgados na mídia provavelmente façam parte do conhecimento prévio do leitor;
4. Definir os termos *bullying* e *cyberbullying* para familiarizar o leitor com eles, visto que os termos ainda estão sem tradução em língua portuguesa;
5. Trazer o depoimento de psicólogos e outros especialistas, explicando o mecanismo do *bullying*. Essa estratégia confere credibilidade ao texto, pois o tema é tratado da perspectiva científica, pautando-se a discussão não apenas em opiniões, mas em informações;
6. Discutir as causas e as consequências do *bullying*, explicitando para o leitor as possíveis motivações, razões para o comportamento tanto do agressor quanto da vítima, além de esclarecer o que o *bullying* acarreta para os envolvidos (alunos, escola, família, sociedade);
7. Mostrar iniciativas das famílias e das escolas que enfrentaram o problema e buscaram solucioná-lo.

Se você fosse o redator da Nova Escola, quais as estratégias e em que ordem (como iniciaria o texto, por ex.) organizaria a reportagem? Defenda a sua escolha justificando a adequação ao contexto explicitado no início da tarefa. Envie pelo ambiente essa atividade. Além disso, depois de postar sua atividade no Fórum de Discussões da Semana, leia as respostas de 2 colegas e comente-as.

Atividade 6 – No final da década de 90, o Brasil perdeu uma figura humana muito querida, o sociólogo Herbert de Souza, mais conhecido por Betinho. Nos fragmentos a seguir, verifique como os jornais da época registraram ou comentaram esse fato. Analise as estratégias usadas, elas podem servir para introduzir (como nos parágrafos A, B, C, D e E) ou concluir (como nos parágrafos F e G) textos. No ambiente, está disponibilizado o gabarito.

A) Neste domingo, o Brasil acorda triste. Morreu o guardião da solidariedade, o fiel soldado da ética, uma das raras unanimidades nacionais. Foi-se embora o cidadão Hebert de Souza, o

Betinho, que deixa um exemplar legado ao Brasil: mesmo doente, ele provou que um país solidário tem cura.

B) Às 21h10min de sábado parou de bater o coração do Dom Quixote da cidadania, o homem que sonhou matar a fome de uma nação. O sociólogo Herbert de Souza, 61 anos, estava em seu apartamento de fundos na tranquila Rua Visconde de Souza, no bairro Botafogo, Rio de Janeiro. Em volta dele, sua companheira durante três décadas, Maria Nakano, os filhos Daniel 31 anos, e Henrique, 15, além de poucos amigos.

C) Em junho deste ano, a luz de Betinho começou a enfraquecer. Sem poder se alimentar, o sociólogo acabou internado com pneumonia bacteriana, infecção oral e insuficiência hepática, mas o tratamento não adiantou. Tanto insistiu que retornou para casa, onde foi montada uma UTI portátil.

D) Betinho é o nosso Quixote tropical. Em uma sociedade pragmática, um homem condenado à morte em breve deixou a cama e um tratamento cuidadoso para enfrentar a aventura de lutar pelos esfomeados e excluídos, por um país diferente: decente.

E) Duas realizações se destacam do rico legado deixado por Betinho: a criação da Ibase e a campanha da Ação contra a Miséria e pela vida. O Ibase, Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, é uma das mais atuantes organizações não- governamentais do país. A campanha contra a fome foi um obstinado trabalho em favor dos 32 milhões de brasileiros totalmente desamparados.

F) O que fez do Betinho o Betinho? Sua capacidade de reduzir a vida pública a um serviço em benefício dos excluídos. Nada mais. Isso pode soar banal, ou mesmo laudação de necrológico. Desde que foi descoberta a banalidade do mal, deixou-se de prestar atenção na banalidade do bem. Suas causas pareciam banais. Queria arrumar comida para quem tinha fome, casa para quem não tinha morada e trabalho para o desempregado. São coisas que, pela ordem moral das coisas, todo mundo deveria ter.

G) Betinho nos deixa, além de seu exemplo, uma questão intrigante: como uma pessoa sem importante função política, sem aura de um grande artista ou atleta, cativou a população, foi notícia tanto tempo e sua morte provocou tanto sentimento nacional de tristeza? (BUARQUE, Cristovam. *Zero Hora*, 11/08/1997).

Fontes (parágrafos de A - F): Artigo "Betinho e a banalidade do bem", de Elio Gaspari, e o editorial de *Zero Hora*, publicados na edição de 11/08/97.

Atividade 7 - Analise atentamente os fragmentos a seguir para identificar as estratégias usadas na sua composição. Confira o gabarito no ambiente. Após postar sua atividade no Fórum de Discussões da Semana, leia as respostas de 2 colegas e comente-as

A) Ele é o centroavante. Sim, sim, o centroavante. Ele é frio, gelado como o coração das loiras de olhos claros. Insensível como um dentista de broca em punho. Implacável como um gerente de departamento pessoal. Ele é um predador. Um executor. Sua missão: matar. Esta em campo apenas para isso. Para liquidar o adversário. É um jogador diferente dos outros, o centroavante. Dele não se exige grande esforço. Não se exige nem que saiba jogar. Ele só precisa fazer gols. (*David Coimbra. O implacável homem da camisa 9. Zero hora, 02/08/97*).

B) Há dois tipos mais frequentes de mulher, a perua e a feiticeira (não no sentido Joana Prado de ser, hehehe!). Para a primeira, o tempo é um grande inimigo; para a segunda ele é um aliado. A perua desde cedo entra de sola na ilusão do mundo material, já a feiticeira trabalha na permanência existencial dentro do universo impermanente. Peruas representam o talento rebolante; e feiticeiras, o talento pensante, as duas faces de Eva, [...]. (Rita Lee, *Almanaque Brasil*, número 24, março de 2001).

C) Dante Panzeri divide os torcedores entre indivíduos que vão ver o jogo e aqueles que vão ver a vitória. Os primeiros são aqueles que só gostam (ou não gostam) do espetáculo. São os que aplaudem, mas não agridem. O segundo tipo de torcedor “é o doente, o fanático, que translada até o campo do jogo a influência de suas paixões, angústias, alegrias incontroladas.”

D) Não há chuva nem vento. As pessoas não cospem nem jogam tocos de cigarro no chão. Não há moscas. Não há cachorros. A vida sob seu teto é tranquila, segura e acolhedora. (Adaptado de Paco Underhill, *A Magia dos Shoppings*).

E) *O sabão é conhecido há pelo menos 2600 anos, quando os fenícios se banhavam com uma pasta fabricada a partir da fervura da banha de cabra com cinzas de madeira. Mas não foi em todos os períodos da história que esse produto de higiene esteve em voga. Muito apreciado nas termas de Roma, o sabão desapareceu do mapa depois da queda do Império Romano, em 476. Só por volta do século IX, ele ressurgiu na cidade de Savona, na Itália --- eis a origem de seu nome. Na época, apenas os nobres o consumiam. O uso do sabão se difundiu pela população apenas dez séculos mais tarde. Então o químico alemão Justus von Liebig (1803 - 1873) declarou que o grau de civilização de um país podia ser indicado pela quantidade de sabão consumida. Se isso é certo, o brasileiro pode ser considerado o povo mais civilizado da Terra, com um consumo de 12 sabonetes per capita. Essa média só é menor do que os 13 sabonetes per capita dos americanos e dos australianos. Mas deve-se levar em consideração que menos da metade dos brasileiros usa sabonetes, isto é, no Brasil os consumidores de sabonetes devem usar cerca de 24 unidades do produto por ano. Isso é seis vezes mais do que a média francesa --- aliás, a mais baixa entre os países do Primeiro Mundo. (texto As reações do bom dia, adaptado da revista Superinteressante).*

Atividade 8 - Você já leu um fragmento sobre a “dureza” de ser um aluno numa escola da Idade Média. Que tal agora refletir sobre a sua experiência? Redija um ou dois parágrafos sobre a sua rotina diária de estudos. Nele você deve destacar as suas atividades como estudante do Curso de Letras (como organiza sua rotina, quais as atividades que ocupam mais sua atenção, que dificuldades encontra e o que faz para superá-las, entre outros aspectos). Se preferir, pode iniciar tratando de sua rotina - casa, trabalho, família, amigos - e, num segundo momento, situar-se como estudante.

Atividade 9 - Vamos agora explorar uma possibilidade de redação chamada decalque, isto é, vamos imitar, parafrasear a estrutura de um texto para, com base nela, construirmos o nosso texto. Acesse, pela internet, o texto *Circuito Fechado*, de Ricardo Ramos. Leia-o atentamente.

Feita a leitura, escolha só substantivos ou verbos para criar um texto sobre seu dia a dia. A produção resultante da Atividade 7 pode servir de base para seu texto. No ambiente, você encontrará mais orientações.

Atenção!!! As Atividades 8 e 9 devem ser enviadas pelo ambiente.

Atividade 10 - Em edições eletrônicas de jornais e revistas de sua preferência, procure o gênero entrevista. Escolha duas ou três questões que você achou interessantes e retextualize-as em forma de parágrafo. Uma boa estratégia é tornar a pergunta o tópico frasal (se possível) e a resposta dada pelo entrevistado será o desenvolvimento.

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)

RESUMO DESTA UNIDADE

Após a leitura e realização das atividades, você está capaz de: Relacionar conhecimentos sobre situação de comunicação e demandas da produção do texto escrito; Reconhecer a produção textual como um processo cognitivo e como prática discursiva; Sistematiza conhecimentos sobre estratégias textuais; Realizar práticas de produção do texto escrito adequadas à situação comunicativa envolvida. Esta unidade mostrou como funcionam alguns gêneros textuais quanto ao seu contexto de produção, interação e recepção. Além disso, apresentou estratégias iniciais de produção textual, permitindo o estudo da microestrutura do texto: o parágrafo.

REFERÊNCIAS

- Costa Val, Maria da Graça. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- Fiad.R.S.; Mayrink-Sabinson, M. A. A escrita como trabalho. In: Martins, M.H. (org.) **Questões de Linguagem**. São Paulo: Contexto, 1991.
- Figueiredo, Luis Carlos. **A redação pelo parágrafo**. Brasília: Universidade de Brasília, 1995.
- Garcia, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. 16. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1995.
- Kaspary, Adalberto. **Redação Oficial: normas e modelos**. 18. ed. Porto Alegre: EDITA, 2007.
- Koch, Ingedore G. Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.
- Mangueneau, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.
- Marcuschi, Luiz Antonio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: Marcuschi, Luiz Antonio; Xavier, Antonio C. (org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

Moreno, Cláudio; GUEDES, Paulo. **Curso Básico de Redação**. São Paulo: Ática, 1997.

Serafini, M.T. **Como escrever textos**. 3. ed. São Paulo: Globo, 1989.

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)

UNIDADE B

TEXTUALIZAÇÃO

Objetivos

- Reconhecer a textualização como operação discursiva, cognitiva e textual;
- Destacar a relevância do contexto para a produção textual bem-sucedida;
- Reconhecer a coerência e a coesão na sua dimensão textual e discursiva;
- Identificar mecanismos coesivos e sua contribuição para a textualidade.

Introdução

O que torna um texto um texto, e não uma apresentação aleatória de frases? O que possibilita que a sequência (unidade) linguística faça sentido para o leitor? Em sua ação de textualizar, como o produtor confere sentido a seu texto?

As respostas não são simples, pois envolvem vários aspectos, mas podemos começar dizendo que o que faz um texto ser um texto é a textualidade. E o que é textualidade?

Linguistas de texto estabeleceram sete critérios para definir textualidade: intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade, intertextualidade, coesão e coerência.

Importante!!! Na disciplina de Gêneros e Leitura, esses critérios foram estudados da perspectiva da leitura, porém aquelas informações são pertinentes também para a produção textual, portanto mobilize esse conhecimento novamente.

Ao tratarmos da produção textual, vamos destacar alguns desses critérios – fatores de contextualização, coesão e coerência – como aqueles que o produtor, no processo de textualização de seu texto, mais se envolve. A coerência é o fator que dá origem à textualidade, por isso estudaremos esta a partir de fatores estreitamente relacionados com aquela.

Antes, porém, de tratarmos da coesão e da coerência, vamos fazer alguns exercícios preparatórios para reconhecermos a importância da coerência e da coesão. Localize a Atividade 1 desta unidade. No Fórum II, vamos discutir as possibilidades e impossibilidades da ordenação implicada nesse exercício.

Comentário à Todos os exercícios feitos nas Atividades de 1a 4 apontam para a coerência e para a coesão como determinantes não só para o sentido como também para a textualidade. Certamente você prestou atenção nas pistas linguísticas deixadas no texto (pronomes, nominalizações, articuladores, operadores...) para recompor os parágrafos. Vamos então retomar a teoria.

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)

B1. Contextualização

O produtor do texto, na fase do planejamento, faz considerações sobre o seu possível leitor, seus objetivos para ler o texto, seu (des)conhecimento sobre o tema, o momento histórico-político, entre outras. Mas ele também se volta para si próprio e analisa seu propósito de escrever o texto, o contexto em que ambos, autor e leitor, estão inseridos, os lugares sociais que ocupam, a interação a ser construída, enfim.

Tendo isso em mente, considere o seguinte contexto: em uma movimentada avenida de Santa Maria, há um redutor de velocidade (quebra-molas) sobre o qual foi pintada uma faixa de segurança para travessia de pedestres. Como essa parte da avenida está próxima uns 20 metros da sinaleira, os motoristas raramente param para o pedestre passar. Recentemente, foi afixada uma placa à distância de 10m antes do quebra-molas onde se lê:

Motorista, na faixa, dê prioridade ao pedestre

O texto da placa, e até mesmo o gênero (placa) está adequado à situação descrita? Para respondermos a essa questão, devemos considerar os elementos contextuais, alguns já apresentados acima. O objetivo da produção textual - alertar os motoristas e solicitar-lhes uma determinada conduta - é alcançado? Como a via é de trânsito intenso e os motoristas não devem ser distraídos, a extensão do texto está adequada? O nível de linguagem e a seleção lexical estão adequados aos motoristas? O emprego de um vocativo (Motorista) favorece a interação? A escolha de "dê prioridade" ao invés de priorize é intencional? As duas expressões parecem veicular o mesmo conteúdo, porém o fazem de maneira diferente?

Atentar para todos esses aspectos é centrar a atenção na contextualização, pois um texto está ancorado num determinado contexto cultural, histórico, econômico, político, ideológico. Essa situação sócio-histórica é relevante tanto na produção quanto na recepção (leitura) do texto.

É necessário o produtor considerar esses aspectos para poder avaliar se o texto produzido está adequado àquela situação comunicativa (entretenimento, informação, persuasão) que lhe deu origem. De algum modo, as relações estabelecidas com o contexto de produção, circulação e consumo se configuram linguisticamente como texto.

No exemplo a seguir, observe o emprego da pergunta retórica. O então Presidente do TSE, Carlos

Ayres Britto, valeu-se dela para alcançar seu propósito interativo. Leia-a: “O ministro é uma traça de processo ou um ser no mundo?”

Qual a razão da manifestação do ministro? Por que definir um juiz como “traça de processo”?

Precisamos do contexto para dar sentido à frase: no ano de 2007, havia uma discussão acalorada sobre a pertinência ou não de os juízes manifestarem sua opinião publicamente, em entrevistas, ou manterem suas apreciações somente no âmbito dos processos. Daí o desabafo do Presidente Carlos Ayres Britto, que recorreu à metáfora da traça para ironizar quem criticava juízes que manifestavam sua opinião na mídia.

Vejamos outro exemplo de como o contexto interfere na produção e na interpretação de um texto. À época em que se promulgou a lei proibindo a publicidade do cigarro, encontramos, numa charge veiculada pela *Gazeta do Sul*, de Santa Cruz, cidade gaúcha produtora de fumo, a expressão de um diálogo entre pai e filho:

“— Pai, comprei pra você um isqueiro, para acender o seu você-sabe-o-quê, e um cinzeiro para colocar as cinzas daquilo que não se pode fazer propaganda!”

Para compreendermos de que se trata a charge e determinar a posição assumida pelo jornal, precisamos recorrer ao contexto. É uma crítica? É um elogio? Por que cigarro foi referido como “o seu você-sabe-o-quê”? Por que não se pode anunciar esse produto? As respostas estão no contexto de produção e de recepção do texto.

Importante é sempre lembrar que as considerações sobre a situação de comunicação vão destacar os elementos contextuais relevantes para uma dada interação a ser construída através do texto. Assim, questões como as destacadas abaixo, entre outras, merecem atenção de quem vai produzir um texto:

— Onde e quando o texto será publicado? Nessa data, existem problemas, de caráter coletivo, ocupando a atenção das pessoas, da mídia?

— Quem é o leitor potencial do texto? O leitor precisa de conhecimento prévio? Qual? Ele tem bom domínio da língua escrita? Qual o efeito esperado do texto no leitor? Quais os objetivos do leitor?

— O tema tratado é polêmico? Reforça ou contesta valores (morais, religiosos, econômicos)?

— O gênero é adequado à situação de interação envolvida? Com ele, o produtor alcança seus propósitos?

— Quais são os lugares sociais que o produtor e o leitor ocupam? Há simetria nessa relação? O produtor é um especialista no assunto e o leitor é leigo? Ambos possuem conhecimento técnico sobre o tema?

Essas questões, entre outras, destacam a relevância do contexto para uma produção textual bem sucedida.

[voltar ao sumário](#)

B2. Coerência

Na obra *Teorias do Texto e do Discurso* (2006), Onici Flores estabelece alguns fatores que contribuem para a coerência textual. Entre eles, podemos destacar:

- Situacionalidade: é o contexto, a situação na qual o texto é escrito;
- Informatividade: diz respeito ao grau de previsibilidade da informação contida no texto;
- Focalização: relaciona-se com a concentração dos usuários em apenas uma parte do seu conhecimento e com a perspectiva da qual são vistos os componentes do mundo;
- Intertextualidade: concerne aos fatores que fazem a utilização de um texto ser dependente do reconhecimento de outro(s) texto(s);
- Intencionalidade e aceitabilidade: A intencionalidade refere-se ao modo como os produtores usam textos para realizar suas intenções, procurando produzir, para tanto, textos adequados à obtenção dos efeitos desejados. A aceitabilidade é o contraponto da intencionalidade. Depende da interpretação, da visão do leitor acerca do texto;
- Consistência e relevância: A consistência é a não-contradição entre os argumentos defendidos pelo autor; a relevância refere-se à consistência do argumento, se esse é pertinente ou não, se é “forte” o suficiente para convencer o leitor.

Charolles (In GALVES (org.), 1988), analisando as observações feitas por professores nas redações de seus alunos, estabeleceu quatro metarregras cuja não observância geram textos incoerentes. A seguir, apresentamos as metarregras estabelecidas por Charolles.

- metarregra da repetição: “Para que um texto seja coerente, é preciso que contenha, no seu desenvolvimento linear, elementos de recorrência estrita. “
- metarregra da progressão: “Para que um texto seja coerente, é preciso que haja, no seu desenvolvimento, uma contribuição semântica constantemente renovada.”
- metarregra da não contradição: “Para que um texto seja coerente, é preciso que, no seu desenvolvimento, não se introduza nenhum elemento semântico que contradiga um conteúdo afirmado ou pressuposto.”
- metarregra da relação: “Para que uma sequência ou um texto sejam coerentes, é preciso que os fatos que se denotam no mundo representado estejam relacionados.”

O trabalho de Charolles evidencia que a coerência de um texto resulta da observação de uma série de requisitos, entre estes, que um texto deve ter uma unidade temática e de referentes (primeira metarregra), que novas informações devem ser constantemente acrescentadas, evitando a circularidade das ideias (segunda metarregra), que um dado ou informação não pode ser afirmado e negado ao mesmo tempo (terceira metarregra) e que as ações, estados ou eventos

apresentados no texto devem ser percebidos pelo leitor como congruentes, relacionados (quarta metarregra).

Leia o texto apresentado a seguir, orientando-se pelas seguintes perguntas: Do que trata? Faz sentido? É um amontoado de frases? Subverte a lógica? Gera contradição? Traz informação?

Qual seu propósito? É relevante para o leitor? Se considerarmos que Jô Soares é quem escreve, o leitor o aceita como texto? Ao respondermos a essas perguntas, estaremos avaliando se o texto é coerente, (figura B1).



Figura B1 - SOARES, Jô. Papo Brabo.
(clique na imagem para ampliá-la)

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)

B3. Coesão

O texto de Jô Soares, que passa de um tema para outro principalmente explorando a ambiguidade lexical, permite refletirmos sobre outro fator de textualidade – a coesão – e sua contribuição tanto linguística quanto argumentativa. Embora nem sempre presente nos textos, como exemplificam os textos de Ricardo Ramos (**Atividade 8 da Unidade A**) e de Jô Soares, devemos considerar que a imensa maioria dos gêneros textuais se estrutura com o auxílio dos mecanismos coesivos. O que são mecanismos coesivos? E coesão?

A coesão é a dimensão linguística da coerência. E os mecanismos coesivos, que desempenham importantes funções nos texto, são os recursos de que a língua, enquanto sistema, põe à disposição dos falantes/usuários. Vejamos alguns deles.

Inicialmente, dizemos que a coesão é a responsável pelas “costuras” (a tessitura) entre os segmentos do texto (parágrafos, períodos, orações) e pelas retomadas dos referentes através de sinônimos, hiperônimos/hipônimos, expressões nominais definidas, entre outros recursos. Acompanhe as análises e comentários abaixo.

O BB não envia e-mail a seus clientes nem autoriza seus parceiros a fazê-lo.
(inscrição afixada nas dependências de uma agência do Banco do Brasil)

Comentário → O texto é um alerta aos clientes e a expressão “fazê-lo” permite que, coesivamente, retome-se parte do enunciado anterior, isto é, “fazê-lo” está no lugar de “envia e-mail a seus clientes”. O verbo fazer e o pronome retomam esse segmento sem necessidade de repeti-lo.

Nos textos, ao mesmo tempo em que o produtor se preocupa em tratar de um único tema (unidade textual), ele lida com a necessidade de que esse texto progrida. Assim, novos aspectos desse tema são desenvolvidos, informações novas são introduzidas no texto fazendo o texto

avançar (progressão textual). A coesão é um dos mecanismos que auxilia a manter tanto a unidade quanto a progressão textual.

A coesão, entretanto, não se limita a ser um importante mecanismo linguístico da textualidade; ela se configura também como uma relevante estratégia discursiva, pois não é indiferente, por exemplo, que se retome o referente por este ou aquele sinônimo ou expressão. No fragmento a seguir, veja como o autor consegue, explorando a ideia de espaço reduzido expressada nos termos que retomam o referente “apartamento”, mostrar a importância da TV como uma janela para ampliar esse mundo limitado, fechado, asfixiante:

No mundo moderno, as pessoas estão mais ou menos aprisionadas em seus apartamentos. Nessas celas, a sociedade se torna cada vez mais distante para elas. No interior dessa concha familiar, quase sempre num centéssimo octogéssimo terceiro andar de um edifício de 800 metros de altura, as pessoas se encontram em pleno céu, com as portas fechadas para o mundo exterior. E nessa caixa estritamente pessoal em que o homem está cercado de objetos familiares como seu cão, sua poltrona e, quem sabe, até sua mulher, fica também a televisão, a “pequena janela” através da qual entram todos os acontecimentos do mundo (Abrahmam Moles).

Comentário → Você reparou como a retomada de apartamento por “celas”, “concha familiar”, e “caixa”, além de manter a unidade temática, construiu a ideia de separação, distanciamento social?

Agora, acompanhe os comentários a seguir sobre a identificação e a contribuição dos elementos coesivos nos fragmentos destacados a seguir.

A *Revista Ñ*, do jornal argentino *Clarín*, publicou ontem uma entrevista com o músico Vítor Ramil. O artista pelotense fala sobre *Délibáb*, o seu mais recente trabalho. O show, já apresentado em Porto Alegre, traz músicas feitas a partir dos versos de Jorge Luis Borges e do poeta gaúcho João da Cunha Vargas (Informe Especial, *Zero Hora*, 24/08/2010).

Comentário → Ao redigir a nota, o jornalista recorre à coesão: “O artista pelotense” retoma, na segunda frase, o referente “o músico Vítor Ramil” e “O show”, na abertura da terceira frase, retoma o segmento “*Délibáb*, o seu mais recente trabalho”.

Precisamos reverter um alarmante quadro: as florestas tropicais, tesouro responsável por oitenta por cento da diversidade biológica do mundo, vêm desaparecendo rapidamente. As motivações e as consequências da destruição dessas matas vêm sendo denunciadas pelos ecologistas, preocupados com o futuro do planeta. Sabemos que as florestas são um banco potencial para a fabricação de medicamentos e uma fonte de matéria-prima para a satisfação de inúmeras necessidades: alimentação, utensílios, móveis, energia. A exploração desses recursos, porém, é excessiva e não vem acompanhada de uma política adequada de preservação. Além disso, não podemos esquecer que a destruição das matas decorre da agricultura intensiva, que destrói a vegetação nativa. Somemos a esses fatores ainda a poluição e a urbanização desordenada e teremos a explicação para o desaparecimento vertiginoso de imensas áreas verdes do planeta. As consequências dessa violência à natureza são o desaparecimento de plantas e animais e da cultura de diversos povos. O quati, por exemplo, sem o seu habitat natural, tem poucas chances de sobrevivência. A destruição das florestas ameaça também os índios, que têm o estilo de vida transformado bruscamente pelo contato com o branco, explorador voraz das matas e dos rios (Revista Geográfica Universal, 06/92).

Comentário → O texto é desenvolvimento apresentando-se causas e consequências do problema analisado: a destruição das florestas tropicais. Veja alguns dos elementos coesivos empregados na retomada de referentes: “dessas matas” (l.3) retoma o referente principal, apresentado no início do parágrafo, “as florestas tropicais” (l.1); “destruição” (l.3) retoma a informação de “as florestas... vêm desaparecendo rapidamente” (l.1 e 2), “as florestas” (l.4) retoma parcialmente o referente principal; “(d)esses recursos” (l.6-7); “esses fatores” (l.9) remete às causas da destruição apresentadas até aquele momento; e assim por diante.

Já os operadores argumentativos, indicando e mantendo a orientação argumentativa, desempenham o papel de encadear as diferentes causas da destruição das florestas tropicais, além de encadear novos argumentos, como os exemplos (parte final do parágrafo). Esses elementos coesivos são: “porém” (l.7); “Além disso” (l.8); “ainda” (l.9); “por exemplo” (l. 12-13) e “também”(l.12).

Você lembra o que são operadores argumentativos? Se não, consulte seu material da disciplina de *Gêneros e Leitura* e acompanhe atentamente o que discutiremos na **Unidade D**, no item D3. Na produção textual, o domínio dos articuladores para um uso consciente e estratégico é fundamental.

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)

Atividades Unidade B

Atividade 1 - Faça uma leitura atenta dos fragmentos apresentados a seguir. Após, proponha uma numeração, em ordem crescente, que restitua a coesão e a coerência ao parágrafo.

- () Em nenhum momento desse evento, eu vi qualquer gesto de antagonismo entre brancos e negros, capitalistas e comunistas, entre orientais e ocidentais, esquecidos ou abençoados por Deus.
 - () A Copa do Mundo não é mais somente uma competição esportiva.
 - () Meus dias de Copa foram todos brindados com exemplos de simpatia entre habitantes de dezenas de países.
 - () A Copa da África tem dado uma demonstração única de que o futebol pode ultrapassar seus limites e criar uma atmosfera que vai além de qualquer propósito esportivo.
 - () Ela é o evento símbolo de uma grande festa que reúne, de quatro em quatro anos, milhares e milhares de homens e mulheres dos mais variados países do mundo e põe por terra todas as fronteiras, fazendo de todos nós cidadãos do planeta futebol.
- (Adaptado de Wesley Córdia, *ZH*, 29/06/2010)

Atividade 2 - Os períodos do parágrafo introdutório da reportagem *Brincadeiras que machucam a alma*, publicada na edição 1078 da revista *Nova Escola*, encontram-se fora da ordem dada pelo

autor. Sua tarefa é numerar, em ordem coerente, os períodos para, a seguir, explicar a organização do seu parágrafo. O tema do texto é bem atual – bullying.

- () Nesse meio tempo, um deles grita bem alto: "Ô, cabeça, passa o livro!"
- () Em outro canto da sala, um garoto dá um tapinha, "de leve", na nuca do colega.
- () Você se acomoda na mesa enquanto espera que os alunos se sentem, retirem o material da mochila e se acalmem para a aula começar.
- () A menina toda produzida logo pela manhã ouve o cumprimento: "Fala, metida!"
- () A criança entra na sala eufórica.
- () E a classe cai na risada.
- () O outro responde: "Peraí, espinha".
- () Ao lado dela, bem quietinha, outra garota escuta lá do fundo da sala: "Abre a boca, zumbi!"

Atividade 3 - Fiel ao conteúdo e coerente com a orientação do parágrafo destacado abaixo, redija uma frase de abertura (tópico frasal) para ele. Após proponha um título para esse fragmento.

Alunos chegam atrasados, conversam durante a aula e colam na prova. Educadores, por sua vez, distribuem advertências, expulsam de classe, ligam para os familiares e agendam reuniões de pais e mestres. E não é apenas a falta de preparo emocional que leva o clima de colegial para os corredores da faculdade. Os calouros chegam com déficit de aprendizado e várias instituições têm oferecido disciplinas como português, matemática e informática com conteúdo do ensino médio. Situações como essas mostram que a universidade está deixando de trazer consigo a simbologia de rito de passagem da adolescência para a vida adulta e se transformando numa continuação do colégio. (Revista IstoÉ de 13/08/2008).

Atividade 4 - Do parágrafo original que serviu de base para a Atividade 3, foram retiradas as seguintes frases: *Há cinco anos relações nesse nível, envolvendo professores, estudantes e seus respectivos responsáveis, eram exclusividade do ensino médio. Hoje, no entanto, esse e o tom em muitas faculdades privadas Brasil afora.*

Volte ao parágrafo e indique em que parte do parágrafo se deve inseri-las, refletindo sobre a coerência de sua sugestão.

Atividade 5 - Leia a pequena narrativa onde é contada a história do *band-aid*, para identificar os elementos coesivos empregados na retomada dos referentes *Josephine Dickson* e *Earl Dickson*. A seguir, analise a contribuição desses elementos para a coerência do texto. No ambiente você encontra o gabarito e comentários sobre essa atividade.

Josephine Dickson era um perigo na cozinha. Bastava pegar numa faca para se cortar. De tanto ter que socorrer a mulher, Earl, um funcionário da Johnson & Johnson, começou a pensar em um tipo de curativo que pudesse deixar pronto para ela mesma colocar. Pegou uma tira de esparadrapo, colocou uma gaze no meio e deu tratos à bola para encontrar algo que evitasse que

a cola das pontas secasse. Achou na crinolina, semelhante ao cetim. Os executivos da companhia gostaram tanto da idéia que lançaram os curativos adesivos prontos para usar. Sem nome até 1920, quando um superintendente de fábrica sugeriu band (faixa) aid (socorro, ajuda), a novidade foi tão bem aceita que, em 1947, a Johnson lançou o produto para o público. Earl Dickson foi recompensado com várias promoções até se aposentar, em 1957, como vice-presidente da empresa. Tudo graças à sua desastrada esposa. (Revista Cláudia, março de 1992).

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)

RESUMO DESTA UNIDADE

Nesta unidade, você estudou o que torna o texto um texto. No início, percebeu a importância da ordem das palavras na produção de um texto, pois esta sequência é determinante tanto para que o texto faça sentido para o leitor quanto para a textualidade. Depois disso, você aprofundou seu conhecimento acerca dos fatores de contextualização, coesão e coerência. Por fim, realizou tarefas que lhe ajudaram na compreensão e no apreendimento dos conteúdos vistos.

REFERÊNCIAS

- Bastos, L. K. **Coesão e coerência em narrativas escolares**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- Fávero, Leonor L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 2002.
- Flores, Onici (org.). **Teorias do Texto e do Discurso**. Canoas: Ulbra, 2006.
- Galves, Charlotte, Orlandi, Eni Pulcinelli e Otoni, Paulo (org.). **O texto: escrita e leitura**. Campinas: Pontes, 1988.
- Koch, Ingedore G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1989.
- Koch, Ingedore; Travaglia, L. C. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1993.
- Guimarães, Elisa. **A articulação do texto**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)

UNIDADE C

ORGANIZAÇÃO TEXTUAL

Objetivos

- Reconhecer os diferentes modos de organizar retoricamente os gêneros;
- Identificar características dos modos descritivo, narrativo e dissertativo;
- Estabelecer comparações entre a narração, a descrição e a dissertação;
- Realizar práticas de produção textual, orientando-se a organização retórica dos gêneros produzidos pelas demandas textual-discursivas.

Introdução

Nesta unidade, sistematizamos conhecimentos sobre os três modos de organização retórica estruturantes da maioria dos gêneros: a narração, a descrição e a dissertação. Esse conhecimento servirá de base para as práticas de escrita de gêneros como o caso, a entrevista, o resumo, a carta argumentativa, entre outros.

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)

C1. O modo narrativo

A narração é um modo de organização que fundamenta textos nos quais se faz o registro de uma sucessão de acontecimentos diversos de que se compõe o fato narrado (por exemplo, a chegada da seleção brasileira de futebol na África do Sul) ou de uma sucessão de fatos que formam a história que nos é contada (por exemplo, a história narrada em um filme policial). Quando narramos, relacionamos personagens e suas ações em determinados ambientes (cenários). Em gêneros textuais de base narrativa, como a notícia, o romance, partes de reportagens e até mesmo uma ata, organizam-se ações numa dada evolução cronológica e sob determinada lógica dada por um narrador.

Gêneros com base narrativa como fábulas, contos, romances, lendas, causos, constroem-se a partir da articulação de quatro categorias: *apresentação* (equilíbrio inicial), *complicação* (quebra do equilíbrio inicial), *resolução* (retomada do equilíbrio) e *avaliação* (moral da história).

Essa categorização foi desenvolvida pelos formalistas russos e dá conta da nossa percepção de que uma boa história começa normalmente com a apresentação dos personagens, do ambiente em que vivem e das ações e interações nas quais se envolvem no dia a dia. Porém, essa tranquilidade deve ser rompida (quebra do equilíbrio) para se ter uma história: algo (uma morte, um assalto, a chegada de alguém...) deve movimentar o quadro inicial. Instalado o desequilíbrio, a história segue com as tentativas de solucioná-lo (resolução) e, por fim, dá história podemos tirar uma “lição de vida” (moral).

Em narrativas de cunho pedagógico, como a fábula, a moral aparece explícita, no final do texto. Em outras narrativas, podemos dizer que muitas lições de vida estão implícitas.

Você quer ler algumas fábulas modernas? Temos um excelente autor brasileiro que explora esse gênero: Millor Fernandes. Leia o texto a seguir, de sua autoria.

Grande espírito, o daquele escoteiro. Estava na rua segurando seu feroz cão policial quando viu parar um ônibus. Os passageiros desceram, subiram. O ônibus pôs-se a andar. No momento que o ônibus ia andando, apareceu um velhinho tentando pegá-lo. Correu atrás do ônibus. Quando o velhinho já o ia pegando, o ônibus aumentou a velocidade. No instante exato em que o velhinho, aborrecido, ia desistir do ônibus, o escoteiro não teve dúvidas: soltou o cachorro policial em cima dele. O velhinho pôs-se a correr desesperadamente e como única salvação pegou o ônibus, que já ia a quinhentos metros diante. O escoteiro segurou de novo o cão e voltou para casa feliz, tendo praticado sua boa ação do dia.

Moral: No cerne da violência nem sempre há violência.

Você reparou como no texto estão articuladas as 4 categorias? Os seis períodos iniciais correspondem à apresentação; quando o ônibus aumenta a velocidade e o velhinho não consegue pegá-lo, ocorre a complicação (sétimo período) para cuja resolução a intervenção do escoteiro é fundamental, momento em que temos a terceira categoria. A última categoria, a moral, está explícita: no cerne, isto é, na base (na motivação) da violência nem sempre há violência. A propósito, você concorda com essa moral?

Leia agora outros textos para se familiarizar com essas categorias. A depender do autor, elas podem ser alteradas: num filme policial, por exemplo, inicia-se com o crime (complicação) e, ao mesmo tempo em que se encaminham as tentativas de solucioná-lo (solução), são trazidas informações que delineiam as personagens, o cenário inicial (equilíbrio). Como não há nenhuma intenção moralizante, pelo menos ao se organizar a narrativa, geralmente a moral não aparece explícita ao final da narrativa; é mais frequente aparecer na boca de um dos personagens a clássica moral (ou uma variação dela) de que “o crime não compensa”. Vamos às leituras?

Texto 1

Há dois dias, o caracol galgava lentamente o tronco da pitangueira. Subindo e parando; parando e subindo; 48 horas de esforço tranquilo. De um caminhar quase filosófico. De repente, desceu pelo tronco apressadamente uma formiga. No seu passo fustigado e ágil. Dessas que vão e vêm, mais rápidas que coelho de desenho animado. Ela parou um instante, olhou zombeteiramente o caracol e disse: Volta, velho. O que vai fazer lá em cima? Não é tempo de pitanga. O caracol respondeu: vou indo. Quando chegar lá vai ser tempo de pitanga.

(IstoÉ, 27/03/96).

Texto 2

Conta a lenda que uma vez uma cobra começou a perseguir um vaga-lume. Este fugia rápido com medo da feroz predadora. O vaga-lume fugiu um dia, e a cobra não desistia, dois dias e nada... No terceiro dia, já sem forças, o vaga-lume parou e disse à réptil:

- Posso lhe dizer três perguntas?
- Não costumo abrir esse precedente para ninguém, mas já que vou te devorar mesmo, pode perguntar...
- Pertença a sua cadeia alimentar?
- Não.
- Eu te fiz algum mal?
- Não.
- Então, por que você quer acabar comigo?
- Porque não suporto ver você brilhar...

(Fonte: Internet. Autor desconhecido)

Observação: A título de exercício, vamos recordar a coesão e sua contribuição para a textualidade dessa narrativa: veja a contribuição de dois recursos coesivos: a *feroz predadora*, uma expressão nominal definida, e “*réptil*”, um hiperônimo. Ao selecionar os traços *feroz* e “*predadora*”, cria-se uma imagem negativa da cobra, antecipando uma expectativa de que suas ações na narrativa sejam também negativas, antagônicas ao outro personagem, o vaga-lume. O hiperônimo, isto é, o termo *réptil*, mais amplo, que recobre outro menor, *cobra*, parece ser neutro, já que apenas situa um indivíduo na sua espécie, categoria biológica. Note que o hiperônimo não expressa nenhuma orientação argumentativa, mas possibilita a retomada do referente, coesivamente.

Feita essa observação, vamos centrar nossa atenção nos elementos estruturais de gêneros de base narrativa: os personagens, o ambiente, o narrador.

Um texto organizado com base na narração apresenta, dependendo dos objetivos do autor, todos ou alguns dos elementos constitutivos da narração (ações + personagens + circunstâncias), que podemos “traduzir” nas seguintes perguntas: O que aconteceu? Com quem? Quando? Onde? Como? Por quê ou Para quê? Quais as consequências das ações?

Esses elementos estão organizados de modo mais sistemático em textos narrativos informativos, como ata, relatório, texto didáticos na área da História, diário, blogs, reportagem, notícia de jornal. Nos textos literários, a criatividade do autor tira o melhor proveito desses elementos, subvertendo muitas vezes a lógica narrativa, embora também sejam esses elementos os condutores na elaboração de pequenas narrativas que povoam o imaginário de diferentes culturas, como o exemplo abaixo evidencia.

A Tigela e o Bastão

Na China antiga, um eremita meio mágico vivia numa montanha profunda. Um belo dia, um velho amigo foi visitá-lo. Senrin, muito feliz por percebê-lo, ofereceu-lhe um jantar e um abrigo para a noite; na manhã seguinte, antes da partida do amigo, quis oferecer-lhe um presente. Tomou de uma pedra e, com o dedo, converteu-a num bloco de ouro puro.

O amigo não ficou satisfeito. Senrin apontou o dedo para uma rocha enorme, que também se transformou em ouro.

O amigo, porém continuava sem sorrir.

— Que queres, então? - indagou Senrin.

Respondeu o amigo:

— Corta esse dedo; eu o quero.

(Taisen Deshimaru).

Guarde bem então:

- A narração apresenta, numa ordem cronológica e causal, ações, personagens e circunstâncias envolvidas num evento, numa trama.
 - Os elementos estruturais narrativos (elementos básicos que respondem às perguntas: O que aconteceu? Com quem? Onde? Quando? Por quê? Como?) são os fatos, as personagens e suas circunstâncias.
 - Linguisticamente, aparecem verbos de ação, geralmente no tempo passado, orações coordenadas e justapostas, adjuntos adverbiais, discurso relatado (direto/indireto).
 - Gêneros que preferencialmente têm a narração em sua estrutura composicional: atas, notícias, contos, novelas, romances, relatórios, histórias em quadrinhos, entre outros.
- Antes de passarmos ao nosso próximo item do programa, realize a Atividade 1 desta unidade. Nela, é proposta uma comparação entre dois fragmentos muito parecidos, porém como uma distinção essencial: seu modo de organização. Procure no ambiente o gabarito.

O que essa atividade aponta é a distinção entre os modos de organização narrativa e descritiva. O que é narrar você já sabe, vamos agora nos deter no que implica descrever.

Inicialmente, devemos ter sempre em mente que uma boa descrição implica a seleção de informações que possibilitem ao leitor formar uma imagem do objeto descrito. Verifique se isso ocorreu no fragmento abaixo.

Aqui, onde estamos, deveria haver uma construção nos mostra o homem. Ali, mais adiante, construiriam dois novos espaços continua ele, animado. O entusiasmo de nosso anfitrião, porém não contagiava o grupo. Caminhamos pelo terreno por algum tempo. Mais adiante, juntou-se ao grupo uma senhora. Era a proprietária. Cumprimentou-nos com uma expressão estranha e se dirigiu ao nosso interlocutor, falando-lhe algo. Procuramos observar mais atentamente tudo que nos cercava. A impressão era desoladora! Voltamos ao início de nossa viagem com uma estranha sensação.

Com base no texto acima, você poderia responder de que construção se está falando? Quais são

os dois novos espaços? O ambiente se localiza no espaço urbano ou rural? Quem é o grupo que observa o local? Qual seu objetivo? Quem é o anfitrião? Por que a impressão é de desolação?

Veja que, embora possamos ter formado uma imagem em nossa mente, as perguntas não respondidas evidenciam que o “retrato verbal” que os textos de base descritiva permitem elaborar, não está completo, pois as informações são genéricas, há falta de detalhes que, com exatidão, precisem o objeto descrito. O que é a descrição?

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)

C2. O modo descritivo

A descrição é um modo de organizar retoricamente gêneros onde se caracteriza algo ou alguém, onde se colocam em evidência as características que se percebe do objeto observado. Esse tipo de texto provoca uma imagem, um reconhecimento do que foi caracterizado.

Observe que produzir um parágrafo ou passagens descritivas pode ser uma excelente estratégia de iniciar um texto. A apresentação de detalhes referentes a uma consequência trazida à cidade do Rio de Janeiro pela intensa chuva de abril de 2010 foi a estratégia com que o jornalista David Coimbra inicia o texto apresentado a seguir. Note como o texto vai criando, na mente do leitor, uma imagem do objeto descrito.

O lixo tomou conta do Rio. Por onde quer que se vá há entulhos e sacos partidos com detritos carregados por enxurradas, uma imagem de sujeira. Junte-se a isso a lama, muita lama, especialmente nas áreas vizinhas aos morros onde há deslizamentos. Calculam aqui que 2,4 mil toneladas de lixo foram retiradas da rua nas últimas horas. Ainda assim, lá estão milhares de saquinhos aqui e ali. (david.coimbra@zerohora.com.br).

Vejamos o que nos aconselha Paul-Valéry sobre a descrição:

“Toda descrição reduz-se à enumeração das partes e dos aspectos de uma coisa vista, e esse inventário pode ser elaborado numa ordem qualquer, o que introduz na execução uma espécie de acaso.”

Assim, embora haja liberdade de qual aspecto ser destacado, qual a perspectiva tomada para descrever, toda boa descrição evidencia a percepção que o autor tem dos objetos e dos sentimentos através dos cinco sentidos. A descrição é o resultado da contemplação e da apreensão de algo objetivo ou subjetivo que foi mediatizada pelos cinco sentidos.

Encontramos uma descrição mais objetiva, denotativa, em manuais, retratos falado, cartas, ensaios, cadernos ou guias de turismo, anúncios, onde e quando a descrição oferece principalmente características e atributos do objeto descrito de maneira mais referencial; ao contrário, uma descrição mais subjetiva é a que, ao apresentar um personagem, objeto ou

ambiente, constrói uma caracterização mais sugestiva, impressionista. Esse tipo de descrição aparece em crônicas, romances, novelas, contos, etc. Abaixo, há textos e fragmentos que exploram a descrição na dependência da imaginação e criatividade dos autores e segundo seus objetivos ao descrever.

Isso me entristece, pois a goiabeira é uma árvore meio torta, de folhas todas riscadinhas e cujo tronco se destaca como se fosse papel. Por baixo, a madeira é lisa e bonita que nem marfim. Antes da goiaba nascer, aparece um flor tão alva, tão gloriosa, coroada de ouro e seda branca! Uma flor que lembra a Estrela da Manhã. Há um movimento de vespas, de abelhas em redor dessas folhes. Depois, a goiaba é um pequenino botão verde; depois é um fruto oval e amarelo, cetinoso e perfumoso. Quando se parte, ela abre um sorriso de dentinhos cor-de-rosa. Tão grande é o seu perfume, tão tenra a sua polpa que, muitas vezes, antes mesmo das crianças, são os passarinhos que as provam. E nesse dia cantam muito melhor (Cecília Meireles).

Comentário: Note como o “retrato verbal” carrega impressões e sentimentos despertados na autora; é o registro de sensações e sentimentos provocados pela observação do referente, a goiabeira. No texto a seguir, constate como o jornalista consegue promover uma comoção no seu leitor ao descrever um menino africano e seu(s) drama(s).

Criança é a primeira vítima do “mal africano”

A teleobjetiva da câmara aumenta a imagem. Deixa ver mais detalhes do rosto retratado do que os olhos podem notar. Qualquer um hesitaria dessa imagem – tão bebê e tão vítima de tudo.

Fome, seca, guerra civil, falta de remédios, todas essas categorias se materializam nas moscas. São elas que agem sobre a pele, de seu rosto para deixá-lo tão mínimo e disforme. A face está forrada de feridas, muitas delas cheias de infecções que parecem causadas por larvas das moscas que não dão descanso à pele massacrada.

Ele tem menos de um ano. Mira o estranho fotógrafo com as feições cansadas de um velho triste. De todas as crianças que vi em três guerras, ele é o único que foge das três características que sempre marcam os olhares infantis diante da câmara – não é curioso, sorridente nem poderoso.

São olhos inchados, o esquerdo mais fechado. O nariz tem um grande buraco no centro. A narina esquerda está em carne viva. O lábio está cortado por cascas grossas de feridas. Seu nome é “A”, como África, seu mais perfeito retrato. Uma pomada talvez pudesse curá-lo. Mosquiteiro, remédio, educação familiar certamente impediriam o mal de deformá-lo dessa forma. A comida daria mais forças.

Mas “A” está na África, um continente esquecido, talvez inviável. Aguarda no colo do irmão um atendimento médico que não virá tão logo. Talvez depois do cólera. Talvez depois da tuberculose, e do milho, do feijão, da plantação e da colheita.

O menino tem um mal menor diante da África. Um problema de pele, num continente que sofre de males profundos.

(LS – enviado especial a Moçambique. Folha de S. Paulo, 20/12/92).

Comentário: Este texto é um dos poucos construídos exclusivamente com a descrição. Esse modo de organização se ajusta aos propósitos do autor: fazer uma denúncia da triste (e vergonhosa) realidade da fome na África. Através da caracterização objetiva e subjetiva de uma criança africana, o jornalista, primorosamente, organiza sua crônica como se estivesse tirando uma foto, aproximando a lente da máquina em “close”. Do plano geral, ele passa ao rosto e deste ao detalhe da narina esquerda.

Vamos fazer um teste sobre o que estamos tratando? Será que os textos a seguir são boas descrições? Propositadamente eles não explicitam o referente para que o leitor consiga, somente ao final da leitura, nomeá-lo. Acompanhe as “pistas”, as características e atributos do elemento descrito, para identificá-lo. No ambiente, está essa identificação.

Texto 1

Este pequeno objeto se encontra sobre um mesa de escritório. Tem o formato semelhante ao de uma torre de igreja. É construído por um único fio metálico que, dando duas voltas sobre si mesmo, assume a configuração de dois desenhos (um dentro do outro), cada um deles apresentando uma forma específica. Essa forma é composta por duas figuras geométricas: um retângulo cujo lado maior apresenta aproximadamente três centímetros e um lado menor de cerca de um centímetro e meio; um dos seus lados menores é, ao mesmo tempo, a base de um triângulo equilátero, o que acaba por torná-lo um objeto ligeiramente pontiagudo. O material de que é feito confere-lhe um peso insignificante. Por ser niquelado, apresenta um brilho suave. Prendemos as folhas de papel com ele, fazendo com que elas se encaixem no meio dele. Está presente em todos os escritórios ou local onde se necessitam separar folhas em blocos diferenciados. Embora aparentemente insignificantes, dadas as suas reduzidas dimensões, é muito útil na organização de papéis (Fonte: Internet).

Texto 2

Ele tem dois braços fininhos e compridos, um narizinho arrebitado e dois olhos sempre bem abertos que enxergam tudo. É meu grande companheiro, está comigo em quase todos os momentos. Se estou lendo, estudando ou olhando televisão, não importa, ali está ele bem na minha frente. Como todo amigo fiel, me ajuda a enxergar aquilo que tenho dificuldade, parece que vive para me auxiliar. Como, às vezes eu o esqueço num canto, nem lembro que ele existe. Mas quando preciso, vou correndo ao seu encontro e lá está ele, de braços cruzados. Parece estar sempre à minha espera. Realmente, não guarda rancores (texto de aluno).

Texto 3

Na verdade, não é artista no sentido clássico, ou seja, não canta, não toca, não atua, não joga e não discursa. No entanto, não deixa de ser uma presença marcante nas nossas noites. Há dias em que pode apenas contar. Há dias em que pode contar, tocar e encantar. Afirma, comenta, justifica e reconhece o erro quando necessário. É uma personagem importante na vida de quem gosta de andar bem informado. Aparece acompanhado ora do sexo masculino, ora do sexo

feminino. Não se movimenta muito em cena, mas precisa cuidar muito do seu foco. Está sempre entre visões tanto humanas quanto tecnológicas, e a margem de erros semânticos, sintáticos e lexicais na sua elocução deve ser mínima. Não se sabe muito de sua vida pessoal, pelo contrário, é quem deve saber a respeito da vida dos outros. Transmite serenidade, simpatia, e audácia, o que representa profissionalismo e gosto pelo que faz. Tem uma característica que, no seu meio, poderia ter sido alterada há tempo, porém a conversa fielmente: mexa de cabelos brancos logo acima da testa. É pontual, assim como sua direção, mas tem dia de folga em que é substituído. Claro, precisa dar atenção também a três descendentes que resolveram chegar juntos não muito tempo atrás. Portanto, é um artista, sim, da vida, da profissão, do mundo (redação de aluno).

Guarde bem:

- A descrição caracteriza um referente (pessoa, objeto, ambiente) com base na percepção ou na memória, criando, na mente do leitor, uma imagem desse referente.
- Características, atributos, estados, qualidades que constituem o referente percebido são a matéria (conteúdo) de um texto de base descritiva.
- Linguisticamente, destacam-se verbos de estado (ser, parecer, virar..), verbo haver e existir, verbos no presente e no pretérito imperfeito ou mais que perfeito, adjetivos e orações adjetivas, emprego de figuras de linguagem (metáfora, metonímias), estruturas comparativas (paralelo/contraste).
- Gêneros cuja estrutura composicional é de base descritiva: cadernos de turismo, classificados, retrato falado etc.

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)

C3. O texto de base dissertativa

Acompanhe o que se discute sobre os *shopping centers* na matéria jornalística destacada a seguir para perceber um novo modo de organizar o texto, que é distinto tanto da narração quanto da descrição.

SHOPPING CENTERS

O lugar em que o cidadão é só consumidor

Pesquisadora compara os centros comerciais aos condomínios fechados; ambos são fenômenos da sociedade atual.

Alamedas, comércio, praças de alimentação e espaços de convivência. A estrutura dos shoppings centers recria os centros das grandes cidades – sob a proteção de um espaço coberto, com temperatura controlada, segurança, limpeza e conforto.

*Para a professora Valquíria Padilha, doutora em Sociologia, os * malls criaram dois tipos de cidade: a de “dentro” e a de “fora”. A cidade de fora, tradicional, tem divergências, chuva e pobreza. “Já na cidade protegida, você não precisa esbarrar com coisas que não te agradem.” Assim como em*

outros países onde é grande a desigualdade social e econômica, a violência urbana acentua o declínio dos espaços públicos e leva as pessoas aos espaços “protegidos”, como os shoppings.

“Mas o que acontece no Brasil é uma grande confusão entre o público e o privado. E não se pode tratar um shopping como um ambiente público. Ele tem um dono, um administrador, responsável por garantir toda essa segurança.”

Valquíria questiona a capacidade de sociabilizar desses espaços. Para ela, à medida que trocam o espaço público pelos shopping centers, as pessoas se resumem ao papel de consumidor, perdendo o de cidadão. “Mas há outros fenômenos da sociedade atual que contribuem para essa perda, como os condomínios fechados.” (adaptado de Scheffer, Cinthia. A Gazeta. 27/06/2009).

* Você sabia que malls é o termo que, nos Estados Unidos, designa *shopping centers*?

Comentário → A principal tarefa da redatora do texto acima foi a de organizar informações para serem compartilhadas com os leitores e selecionar estratégias para facilitar sua compreensão. O objetivo da matéria é divulgar essas informações, as quais estão baseadas em pesquisas e análises alicerçadas no saber científico (pesquisas, estudos). Note que a autora/jornalista recorre a uma especialista, a profa. doutora em sociologia Valquíria Padilha, para fundamentar suas afirmativas. Essa especialista apresenta uma interpretação sociológica para o sucesso dos *shopping centers*. Linguisticamente, predomina o tempo presente (“compara”, “são”, “tem”, “precisa”, “questiona”, “contribuem”), palavras no sentido literal (denotadas), períodos compostos (coordenação e subordinação) e operadores do tipo lógico (“Assim como”, “Mas” e “à medida que”), além de introdutores de polifonia (“Para” e as aspas, que destacam as palavras da especialista).

Quando organizamos um texto com as características acima, estamos recorrendo à dissertação expositiva, isto é, selecionamos e organizamos informações (conceitos, teorias científicas, resultados de pesquisas,...) sem emissão de juízos ou teor avaliativo. Não buscamos convencer, e sim informar. Claro que, ao selecionarmos esta informação e não aquela, estamos nos posicionando (visto que a argumentatividade é constitutiva da linguagem), porém não organizamos retoricamente nosso texto em defesa de um único ponto de vista.

C3.1. A dissertação expositiva

A dissertação expositiva resulta geralmente de um esforço do produtor em construir a neutralidade (o que é também argumentativo!). Para isso, usamos a voz passiva (que apaga o sujeito agente), a denotação (palavras no seu sentido literal, o que cria um efeito de objetividade), o tempo presente (tempo verbal adequado para examinar e interpretar dados), operadores do tipo lógico (que expressam as relações lógicas evidenciadas entre os dados apresentados no texto) e introdutores de polifonia (preposições (Para Fulano...), conjunções (Segundo Fulano, Conforme Beltrano...), discurso direto e indireto). Os dois últimos recursos revelam que as ideias apresentadas no texto, em geral, não são de responsabilidade do produtor. Ele vai buscar em outras fontes os dados e deixa isso marcado no seu texto, que se torna predominantemente polifônico.

Manuais, livros didáticos, resumos, verbetes, notas explicativas, reportagens são alguns dos

gêneros em que encontramos a dissertação expositiva.

Tendo essas informações em mente, leia o texto abaixo. Nele se constrói uma “neutralidade” ou podemos notar a interferência do produtor em defesa do chocolate?

Pretinho básico

Chocolate faz bem à pressão arterial e ao coração. É o que dizem dois estudos científicos

Muitos se preocupam porque o chocolate não é compatível com uma dieta com baixos níveis de gordura e colesterol, mas, segundo estudos recentes, o chocolate não é o vilão que se pensava. O chocolate era considerado, até pouco tempo atrás, um delicioso atentado contra a saúde. Na última década, contudo, a guloseima começou a ser alforriada pela ciência. Estudos realizados em vários centros de pesquisa europeus e americanos mostram que o consumo moderado desse doce pode fazer bem à saúde. Especialmente de chocolate amargo.

Para os especialistas, o chocolate tem grande valor nutricional, sendo, portanto, um componente importante em nossa dieta. O chocolate é considerado um alimento, uma vez que contém 1/3 de leite e 1/3 de cacau, o que equivale a proteínas, energia e gorduras. O chocolate também se constitui em fonte de potássio, cálcio, magnésio, vitaminas do complexo B, além de incluir substâncias tônicas que estimulam as pessoas com fadigas físicas e mentais.

Saudável, saboroso e energético, o chocolate é hoje um alimento universal. Apesar das boas notícias em relação ao chocolate, particularmente o amargo, que ninguém pense em se empanturrar dele. “Tanto o chocolate ao leite quanto o amargo são ricos em açúcar e gorduras saturadas, o que contribui para o aumento de peso e dos níveis de colesterol”, diz a nutricionista Cristina Menna Barreto, de São Paulo. Quer dizer, até duas barras pequenas por dia é aceitável. Nada é perfeito! (adaptado do artigo da revista Veja, edição de 03/09/2003).

C3.2. A dissertação argumentativa

Quando produzimos um texto com o objetivo de apresentar uma interpretação pessoal, própria da realidade ou o de indicar uma ação a ser realizada, estamos organizando nosso texto em torno de uma dissertação argumentativa. Com nosso texto, buscamos a adesão do leitor à tese defendida (fazer CRER, persuadir) ou o seu convencimento para realizar uma ação (fazer FAZER, ex.: comprar).

A matéria-prima, o conteúdo de uma dissertação argumentativa são ideias articuladas em torno da tese (ponto de vista) e dos *argumentos*. As marcas linguísticas características são os verbos no tempo presente; períodos compostos, principalmente por subordinação; marcadores argumentativos (operadores argumentativos, índices de avaliação, modalizadores,...); seleção lexical expressiva, linguagem figurada (conotada), entre outros.

Encontramos a dissertação argumentativa geralmente em gêneros como editoriais, cartas de leitor, matérias opinativas, resenhas críticas, publicidades... . Acompanhe atentamente o texto a seguir. Essa leitura servirá de base para as nossas reflexões e práticas.

Vamos ler um texto que trata da violência na escola para verificarmos qual a posição da revista *Nova Escola*, a responsável pela publicação, sobre essa violência e as soluções desse problema. Também vamos atentar para o modo de organizar o texto em torno da tese defendida.

Aqui, a violência não entra

Comunidade, equipe unida e aprendizagem. Com esses ingredientes, escolas construíram uma barreira contra a violência sem precisar de grades, cadeados e câmeras.

Os muros pichados e os vidros quebrados são apenas o cenário de um drama presente em muitas escolas. Enquanto do lado de fora o tráfico de drogas e as gangues envolvidas com roubos e homicídios pressionam para entrar – e não raro encontram brechas –, do lado de dentro alunos e professores são agentes e vítimas de agressão física e verbal e de uma lista enorme de atos violentos.

Alguns acreditam que a solução é trancar-se, isolando-se do mundo exterior com grades reforçadas e portões cada vez mais altos, cadeados e câmeras de vídeo. Essas barreiras, embora deem a sensação de segurança, não resolvem o problema. Ao contrário, deixam a instituição ainda mais acuada, com professores amedrontados e gestores intimidados.

A população, apreensiva com os frequentes casos divulgados pela mídia, coloca a preocupação com a integridade dos filhos acima das questões de aprendizagem. Pesquisa realizada com 2.002 pessoas em 141 municípios brasileiros e divulgada em março pelo Movimento Todos pela Educação aponta que metade dos entrevistados tem a sensação de que a falta de segurança nas escolas é o principal problema do sistema educacional do país (a baixa qualidade do ensino ocupa a terceira posição).

*As instituições que venceram a violência, em vez de se isolarem e culparem o entorno pelo baixo desempenho dos alunos, investiram na consolidação de uma equipe unida e determinada, na formação de professores, na aproximação com a comunidade e no acompanhamento dos jovens usuários de drogas ou com dificuldades de aprendizagem. Com isso, criaram uma barreira muito mais duradoura e eficiente do que a formada por grades e cadeados (adaptado de Gustavo Heidrich, *Nova Escola Gestão Escolar*, edição 001, abril de 2009).*

Comentário à No último parágrafo do texto, fica clara a ideia de que a violência exige ações fundamentadas na parceria da escola com a comunidade e na conscientização desses parceiros, muito mais do que investir recursos materiais na segurança “física” (grades, alarmes, guardas). Para expressar essa tese, o redator organizou seu texto explorando a dissertação argumentativa. Como podemos linguisticamente identificar esse modo de organização?

A resposta a essa indagação encontra-se na próxima unidade, que vai tratar da expressão, das marcas linguísticas da argumentação deixadas no texto pelo produtor. Essas marcas são verdadeiras “pistas” da intenção de quem escreve. A seleção lexical, os mecanismos de coesão, os operadores argumentativos, os modalizadores, entre muitos outros, são os recursos de base linguística de que o produtor lança mão para destacar sua tese e seus argumentos.

No texto sobre o chocolate, essas marcas apareceram? Serviram para destacar um saber científico tornado público ou auxiliaram o redator a destacar a sua opinião sobre o chocolate? Ao

respondermos a essa questão, estamos identificando se a dissertação é expositiva ou argumentativa.

O último item a tratar sobre a dissertação são as estruturas textuais básicas que entram na composição de gêneros com esse modo de organização.

Gêneros de base dissertativa, principalmente, apresentam uma estrutura composicional básica: título, parágrafo(s) de introdução, parágrafos de desenvolvimento e um/dois de conclusão. A depender do gênero, inserem-se novos elementos:

Um editorial ou a redação de vestibular se organiza composicionalmente em torno de um título e dos três tipos de parágrafos descritos acima; já uma reportagem de jornal introduz um subtítulo entre o título e o parágrafo de abertura do texto; a carta do leitor, devido ao pouco espaço na página do jornal ou revista, traz um título e seus parágrafos estão condensados em um ou dois somente, e assim por diante.

No estudo do parágrafo, partimos da crença de que um parágrafo dissertativo apresenta uma composição muito semelhante com o texto de base dissertativa. Vamos agora completar esse raciocínio, ampliando essa dimensão para um texto completo. Quais são as “partes” de uma dissertação?

O *título* é fundamental nos gêneros, pois é ele o elemento composicional responsável pelo primeiro contato do leitor com o texto. Quantas vezes escolhemos pelo título o texto que vamos ler?

Como se apresentam os títulos? Pode ser uma frase nominal (Pretinho Básico), uma frase verbal declarativa (Aqui, a violência não entra), uma frase interrogativa (De quem é a culpa?) ou um nome genérico que remete ao tema do texto, por ex. Contêineres de lixo e A Cola (títulos de cartas do leitor).

Comentário à Na estrutura de textos de base dissertativa, o início do texto se completa com o parágrafo de introdução. Como regra geral, a *introdução* compõe-se do título e dos parágrafos iniciais. Nessa parte inicial, são apresentados, em geral, o tema (e sua delimitação) e a tese do autor. Sua função é esclarecer, informar o leitor sobre o tema de uma maneira interessante, de modo a chamar sua atenção.

Depois da Introdução, vêm o(s) parágrafo(s) do *desenvolvimento*. O desenvolvimento é o momento de se apresentar os argumentos, as evidências utilizadas para a defesa da tese. Nessa parte, como o próprio nome sugere, desenvolve-se a argumentação.

A *conclusão* é o momento de, encerrando o texto, trazer à memória do leitor a ideia principal defendida ou exposta ao longo do texto. Para isso, podemos fazer um pequeno resumo, ou lançar uma pergunta ao leitor, ou ainda apresentar uma imagem inusitada. São várias as possibilidades de concluirmos nosso texto. As possibilidades discutidas no item A 3.7 podem e devem ser estendidas para a produção de um texto completo. Leia-as novamente para utilizá-las nas suas produções textuais. Esse conhecimento teórico é muito útil!!

Guarde bem:

- Argumentar é defender um ponto de vista; é explanar, interpretar, ordenar, justificar, relacionar

ideias. Quando esse ponto de vista é pessoal (não quer dizer original), marcado no texto como de responsabilidade de quem produziu o texto e há o desejo de que o leitor compartilhe dele também, temos a dissertação argumentativa; quando a interpretação da realidade é apresentada como sendo resultado de pesquisas, estudos, teorias e há o desejo que ela se torne conhecida, temos a dissertação expositiva.

- Na dissertação argumentativa, o argumentador busca formar a opinião do leitor/ouvinte, convencê-lo a defender uma determinada interpretação da realidade, a tomar partido em um conflito; na dissertação expositiva, o objetivo principal do texto é o de informar o leitor.
- Textos publicitários, matérias opinativas e editoriais, cartas de leitores, a redação no vestibular, entre outros gêneros de textos, são construídos em torno da defesa de uma tese. Reportagens, palestras acadêmicas, verbetes de dicionários, resenhas, resumos, artigos e teses de áreas técnicas são exemplos de gêneros em que se explora a dissertação expositiva.
- A argumentação é construída no texto, por isso devemos conhecer os tipos de argumentos e os recursos linguísticos usados nessa construção. Essa é a matéria de nossa última unidade.

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)

Atividades Unidade C

Atividade 1 – Leia os fragmentos abaixo para julgar-se as afirmativas sobre eles são V (verdadeiras) ou F (falsas).

I) Eram sete horas da noite em São Paulo e a cidade se agitava naquele clima de quase tumulto típico dessa hora. De repente, uma escuridão total caiu sobre todos como uma espessa lona opaca de um grande circo. Os veículos acenderam os faróis altos, apressados se atropelaram, o trânsito caminha lento e nervoso. Eis São Paulo às sete da noite.

II) Luzes de tons pálidos incidem sobre o cinza dos prédios. Nos bares, ocas cansadas conversam, mastigam e bebem em volta das mesas. Nas ruas, pedestres apressados se atropelam. O trânsito caminha lento e nervoso. Eis São Paulo às sete da noite.

- () No fragmento I, encontram-se as categorias apresentação, complicação e resolução.
- () O objetivo principal do fragmento II é relatar fatos, como a lentidão do trânsito e a pressa das pessoas.
- () É possível responder, com base no fragmento I, às perguntas: o quê? Onde? Quando?
- () O fragmento II apresenta uma percepção da cidade de São Paulo num momento determinado (sete horas da noite), não existindo informações sobre acontecimentos que se sucedem.
- () A intenção principal do fragmento I é apresentar informações sobre São Paulo que criem na mente do leitor uma imagem da cidade.
- () O fragmento II é produto da observação de um projeto, no caso, São Paulo. O autor apresenta a sua visão da cidade num momento de tempo fixo.
- () No fragmento I, existe uma sucessão de acontecimentos enquanto, no fragmento II, constrói-se

um “retrato verbal” da cidade.

Atividade 2 – Leia atentamente os textos abaixo para responder ao que se pede.

A) *Eram oito horas da noite quando o fogo começou a se alastrar pelo prédio onde havia quatro faxineiras trabalhando. Acionados os alarmes, imediatamente os bombeiros foram chamados e, após uma hora de trabalho, conseguiram retirar com vida as quatro ocupantes do prédio.*

- O texto acima foi construído com base na narração. Justifique essa afirmação.
- Se mudássemos a perspectiva da narração e déssemos a uma das faxineiras voz para conduzir a narrativa, o que mudaria em relação ao efeito de sentido?
- O texto acima pode ser considerado uma notícia de jornal? Por quê?

B) *Havia um fazendeiro que, dentro de suas terras, conservava intocável um imenso bosque. Ainda que essa porção de solo não lhe desse lucro algum, não permitia que ninguém a depredasse, movido pelo prazer de preservar a vegetação exuberante que lá havia, os animais que por lá viviam e os mananciais de água pura que de lá brotavam. Um dia, morreu o fazendeiro, e seus herdeiros lá entraram com os tratores e com as serras, venderam as valiosas madeiras e araram as terras para plantar.*

- Qual das categorias narrativas foi enfatizada? Qual o efeito de sentido pretendido com isso?
- O texto seria em sua construção inicial (articulação entre apresentação, complicação e resolução) se mudássemos o foco narrativo, reescrevendo o texto a partir da perspectiva de um dos herdeiros, por exemplo?

Atividade 3 – Para o texto *A Tigela e o Bastão*, apresentado em C.1, elabore uma frase que seja coerente com a categoria avaliação.

Atividade 4 – Com base no texto de Dalton Trevisan apresentado a seguir, redija um novo texto a partir da perspectiva da mulher. Para isso, você pode adotar o mesmo procedimento do autor, narrar em 1ª pessoa, ou escolher uma nova estratégia, apresentar a nova vida da mulher como narrador em 3ª pessoa onisciente, aquele que tudo sabe, que exerce controle pleno sobre o mundo narrado. Procure, no ambiente, outras orientações para essa atividade.

Apelo

Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa da esquina. Não foi ausência por uma semana: O batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

Com os dias, senhora, o leite primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, e até o canário ficou mudo. Para não dar parte de fraca, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite eles se iam e eu ficava só, sem o perdão de sua presença a todas as aflições do dia, como a última luz na varanda.

E comecei a sentir falta das pequenas brigas por causa do tempero na salada – meu jeito de querer bem. Acaso é saudade, Senhora? Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcharam. Não tenho botão na camisa, calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolhas? Nenhum de nós sabe, sem a senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor (Dalton Trevisan).

Atividade 5 – Leia o texto transcrito a seguir, pois vamos fazer uma atividade ligada à cultura do Rio Grande do Sul. Os nossos “causos” são exemplos de narrativas que encantam gerações. Mas, primeiro, leia a crônica abaixo.

A pantera sufocada

O Paulo Roberto Falcão me contou o episódio do ataque da pantera do circo Norte-Americano sobre um garoto, no estúdio da RBS, no Dia da Criança. Vejam como foi dramático e eletrizante.

A pantera estava saindo do estúdio, dois meninos passaram por ela, o da frente mexeu com a fera, ao que parece tocando nela.

O menino da frente se apressou no andar e a reação da pantera foi disparada sobre o menino que ia atrás. A pata esquerda da pantera se derrubou sobre as costas do menino com um violento golpe. O menino caiu de costas no chão e a pantera literalmente abocanhcou a sua cabeça. Suas presas se cravaram sobre o couro cabeludo do garoto, firmando-se as da mandíbula inferior sobre o osso occipital da cabeça do menino, parte posterior da cabeça.

Houve alarma geral e o domador da pantera, vendo o quadro da fera com suas presas fixadas sobre os ossos da cabeça do garoto – felizmente que o garoto estava de costas quando foi atacada, se estivesse de frente seu rosto seria arrancado – o domador passou a tomar a primeira providencia: enfiou sua mão entre as presas da pantera e a cabeça do garoto, sob o pavor geral, tentando fazer com que a fera desabocanhasse a cabeça do menino, afastando as mandíbulas.

Nada. Absolutamente nada, a pantera ameaçava ficar por horas naquela posição aterradora, com o menino imóvel, horrorizado, gritando e chorando.

O domador apanhou um pedaço de ferro que havia ao lado e introduziu-o entre as pressas da pantera e a cabeça do garoto, tentando pressionar a bocarra da fera para que ela desengatasse a terrível mordida.

Nada, absolutamente nada, a pantera e o garoto nem se mexiam. A esta altura o sangue jorrava da cabeça do garoto e a cena era patética e amedrontadora. Aí ocorreu ao domador o último recurso do especialista, alguém que já lidou com situação igual, ou dela teve conhecimento: apanhou um pedaço de pano e tapou as narinas da pantera, interrompendo sua respiração.

Tendo-lhe faltado o ar, a pantera desencravou as suas presas do couro cabeludo do garoto e abriu a boca para respirar por ela, quando o menino foi solto e levado ao Pronto-Socorro, onde graças a Deus se verificou que sua vida havia sido salva pela presença de espírito do domador. (crônica de Paulo Santana publicada em 18/11/1998, no jornal Zero Hora).

Atividade 6 – Reescreva o texto *A Pantera Sufocada* (Atividade 5) como se fosse um causo ao estilo bem gauchês. Um aspecto importante a observar é a linguagem empregada, pois ela será marcadamente regionalista. No ambiente, você encontrará a redação já iniciada e novas orientações.

Atividade 7 – Leia atentamente o texto *Tributo a Dom Obá II, o Príncipe do Povo*, de Roberto Pompeu de Toledo. Com as informações do texto, elabore uma entrevista com o autor do artigo (Roberto Pompeu de Toledo) ou com o historiador Eduardo Silva, autor do livro comentado.

Inicialmente, em um parágrafo, redija uma apresentação do entrevistado. A seguir, com base nas informações do artigo lido, formule quatro ou cinco perguntas sobre Dom Oba II, que deve ser o tema central da entrevista.

Obs.: A atividade solicita uma simulação de uma interação verbal em que você ocupa três lugares sociais: de entrevistador, de entrevistado e de redator.

Atenção!!! Quando se elaboram as perguntas, impõem-se alguns cuidados: A pergunta é necessária? Ela é muito complexa? Não é aconselhável subdividi-la? Ela pode ser respondida? Ela não é tendenciosa? Está clara? Não é ambígua? A ordem das perguntas facilita as respostas? A sua redação obedece às normas da língua padrão? O tratamento com o entrevistado não está muito coloquial? As perguntas formuladas permitem ao entrevistado mostrar seu conhecimento? As indagações feitas recobrem as informações principais?

Tributo a Dom Obá II, o Príncipe do Povo

Um livro conta a história bela e triste do rei dos pretos e mulatos, no Brasil de dom Pedro II.

Ele usava bengala e guarda-chuva ao mesmo tempo, lembretes duplos de um implícito cetro. Cartola na cabeça, casaca, luvas, pince-nez. Tudo muito fino, embora não necessariamente aseado. Andava pelas ruas, segundo um contemporâneo, "distribuindo cortesias e afabilidades de soberano, atravessando de uma calçada a outra a fim de trocar palavras com qualquer pessoa distinta que se lhe deparava".

O leitor está sendo apresentado a Cândido da Fonseca Galvão, mais conhecido como Dom Obá II d'África, brasileiro nascido na Bahia por volta de 1825, sargento na Guerra do Paraguai (1865-1870) e, a partir daí, morador no Rio de Janeiro, onde morreu em 1890. Galvão era um negro livre, numa sociedade que vivia as últimas décadas da escravidão. O pai era um negro forro. Mas, sobretudo, Galvão era Dom Obá II – um soberano. Atribuía-se uma ascendência real ioruba e, do alto de sua condição de morador de cortiços e íntimo conhecedor dos recantos mais miseráveis e infectos do Rio de Janeiro, estabeleceu-se como rei da "africana gente", como dizia, "dos pretos e pardos", escravos ou libertos. Ele se intitulava Obá II porque reservava a honraria de Obá I ao falecido pai. Dom Obá II era, meio às tontas, meio a sério, o rei dos miseráveis, num Brasil que, supostamente a sério, mas talvez também meio às tontas, tinha um outro dom – Pedro II – como imperador.

Dom Obá II é tema de um livro muito bom, de autoria do historiador Eduardo Silva, de publicação recente – Dom Obá II d'África, o Príncipe do Povo (Companhia das Letras). Há ali a reconstituição de uma vida, tanto quanto é possível reconstituir a vida de um homem pobre, precária de

documentação, mas há mais que isso: as relações e conflitos entre pobres e ricos, brancos e negros, trabalhadores livres e escravos, num momento de formação da nacionalidade.

O rei dos esfarrapados, rei dos mendigos ou dos miseráveis é uma antiga fantasia, que frequenta a lenda e a literatura de diversos povos, em diversos séculos. No caso brasileiro, a lenda encarnou-se numa pessoa de verdade. Dom Obá II estava tão compenetrado de sua condição que, aos sábados, dia de audiência pública no Palácio de São Cristóvão, se metia na melhor roupa e, como se fosse um dignitário estrangeiro, lá ia enfrentar o outro rei, dom Pedro II, de soberano para soberano. Um contemporâneo que o encontrou mais de uma vez nessas audiências - o alemão radicado no Rio Grande do Sul Carl Von Koseritz - deixou uma descrição de seu comportamento na ocasião: "Trata a todos de cima para baixo, como convém a um poderoso príncipe; avança sem olhar para os lados até a primeira fila, onde está seu lugar. [...] Com sorriso superior observa então os demais, saúda displicentemente o pessoal do serviço e espera com dignidade a chegada do imperador".

De soberano para soberano? Nem tanto. Com a chegada de dom Pedro II, prossegue Von Koseritz, "derrete-se o seu orgulho como manteiga ao sol". Ele então "dobra os joelhos como um miserável vassalo e, sempre de joelhos, beija a mão do imperador". Dom Obá II era um fiel súdito do imperador do Brasil, cumpridor das leis e defensor da ordem, e aqui se vislumbra o paradoxo que representava: era rei, mas era súdito, era estrangeiro rei d'África - mas era brasileiro. Dom Obá II em princípio deve ser tomado como um desequilibrado, ou um farsante, mas atenção: há testemunhos, reunidos no livro, não só de que gozava do respeito de seus semelhantes (viveu "aclamado por sua raça", escreveu o Diário de Notícias, no necrológio que lhe dedicou) como de que era mantido por suas contribuições, espécie de tributo dos vassallos a seu soberano. São sinais de que aqueles que dizia representar realmente o reconheciam como representante.

Com o dinheiro dos tributos, Obá II perpetrava o que talvez fosse a maior de suas proezas: publicava artigos nas seções pagas dos jornais. Num português que pretendia ser erudito, mas que, todo errado, resultava arrevesado e ridículo, abordava vários temas, mas dentro de uma linha - a defesa, conservadora, longe de qualquer laivo revolucionário, dos negros e mulatos. Uma de suas frases: "Que época estamos atravessando, tão cheia de espinhos e economias para um lado onde é mais preciso a fartura, que é para o lado da pobreza". Dom Obá II foi contra a imigração européia, tão discutida na época. Intuiu, com lucidez, que, para sua gente, seria a continuação da tragédia: acabava a escravidão, mas, com a mão-de-obra branca substituindo a negra, acabava também o emprego e o lugar, ainda que ínfimo, na sociedade.

Eduardo Silva afirma que o mundo de Dom Obá II acabou com a abolição da escravidão, em 1888. Realmente, reis assim, desde então, só no Carnaval. Resta o paradoxo que ele simbolizou: o de um "povo em massa", como dizia, que pertencia ao país, mas, como se fosse estrangeiro, não pertencia. As circunstâncias são bem outras, a começar pelo fato de que não há mais escravidão, mas um "povo em massa" parecido ainda existe, com uma cor de pele parecida.

Atividade 8 - Leia atentamente o texto para produzir dois resumos: o primeiro, mais extenso, com dois ou três parágrafos; o segundo com apenas um parágrafo. No ambiente, você encontra mais orientações para essa prática.

UMA VIAGEM PELA HISTÓRIA

O que leva tanta gente à Grécia? Uma volta às origens da cultura mundial? O reencontro com uma civilização já florescente há 50 séculos passados? Ou simplesmente o desejo de conhecer um país encantador, muito bem estruturado para o turismo e, sobretudo, acolhedor?

Deve ser uma mistura de tudo isso o que faz da viagem à Grécia uma experiência fascinante e verdadeiramente emocionante.

Clima ameno, luminosidade abundante, paisagem e cenários deslumbrantes formam o conjunto natural do território grego: 15.600 quilômetros de costa, 166 ilhas habitadas e 1.259 ainda desertas. Entre as ilhas mais visitadas, e sempre incluídas nos roteiros turísticos, está a de Creta, histórica, com muitos vestígios de suas antigas civilizações, 8.022 quilômetros quadrados e cerca de 500 mil habitantes; Corfu, local de veraneio dos artistas e da aristocracia grega, com vegetação abundante e monumentos de arte; Rhodes, que é conhecida como a ilha das rosas e faz parte de um circuito de doze ilhas, uma perto da outra, e Mykonos, sofisticada, considerada a St. Tropez grega, um lugar de encontro de celebridades mundiais.

A Grécia é o berço da civilização e da democracia. Sua história remonta há milênios e está ligado à própria história da humanidade. Foi na Grécia, recorde-se, que nasceram os jogos olímpicos, realizados, pela primeira vez, no ano 766 A.C, em Olímpia, no Peloponeso. Já no período clássico, despontaram na Grécia nomes como os de Aristóteles, Sófocles, Platão, Pitágoras, que foram os maiores pensadores de seu tempo e de todos os tempos.

Mas a Grécia não é apenas antiguidade, não é apenas passado. Os seus visitantes não encontram somente ruínas. As suas cidades também são modernas e vibrantes. Dispõem de uma completa infraestrutura de lazer e de hospedagem, comunicações fáceis, eficiente sistema de transportes e tudo o que a vida de hoje possa exigir.

Em todo o país, durante o ano inteiro, realizam-se festivais de teatro, de música e de dança. Nas aldeias, onde se sente melhor a alma do povo, os turistas, principalmente durante as festas religiosas, são recebidos nas próprias casas dos moradores, num ambiente de confraternização, com muito calor humano. E também com a mesa farta, na qual predomina o carneiro assado, um prato tradicional. Neste capítulo, diga-se que a gastronomia grega é muito diversificada e atraente. Além dos pratos com carneiro, o turista pode pedir o Musaka (carne moída com berinjela e batata), o Stiphado (carne de vitela com cebolinha e alho), o Taramosalada (ovas de peixe, temperado com limão, azeite e cebola), o Keftedes (bolinhos de carne) etc. Na culinária grega, destaca-se também a doçaria. E não deve ser esquecida a qualidade dos vinhos nacionais, tais como o Boutari, o Castello Danielli, o Santa Laura ou o King (In: Revista Check. Ago. 1997, p. 15,16 e 17).

RESUMO DESTA UNIDADE

Com o estudo desta unidade, você observou que narração, descrição e dissertação são modos organizacionais retóricos que organizam a maioria dos gêneros textuais. Depois disso, você aplicou este conhecimento na realização das atividades propostas.

REFERÊNCIAS

Brandão, Teresinha. **Texto argumentativo: escrita e cidadania**. Pelotas: L.M.P. Rodrigues, 2001.

Dionísio, Ângela Paiva, Machado, Anna Rachel e Bezerra, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

Fiorin, José Luiz & Platão Savioli, Francisco. **Lições de texto: leitura e redação**. 2 ed. São Paulo, Ática, 1997.

Machado, A. P. Revisitando o conceito de resumos. In: **Gêneros textuais & ensino**. Dionísio, Ângela Paiva, Machado, Anna Rachel e Bezerra, Maria Auxiliadora (Orgs.). 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

Garcia, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. 16. ed., Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

Serafini, Maria Tereza. **Como escrever textos**. 3. ed. São Paulo: Globo, 1989.

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)

UNIDADE D

ARGUMENTAÇÃO E EXPRESSÃO LINGUÍSTICA

Objetivos

- Reconhecer a argumentação como prática discursiva;
- Distinguir tema, tese e argumentos;
- Identificar mecanismos linguísticos de construção da argumentação;
- Realizar práticas de produção de parágrafos com orientações argumentativas distintas;
- Produzir gêneros textuais adequados à situação comunicativa delimitada.

Introdução

A finalidade de todo ato de comunicação não é informar, mas é persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado. O ato de comunicação é um complexo jogo de manipulação com vistas a fazer o enunciatário crer naquilo que se transmite. A linguagem é sempre comunicação, mas ela o é na medida em que é produção de sentido.

O falante/produzidor (enunciador) utiliza-se de certos procedimentos argumentativos, visando levar o ouvinte/leitor (enunciatário) a admitir como válido o sentido produzido. A argumentação consiste no conjunto de procedimentos linguísticos e lógicos usados pelo enunciador para convencer o enunciatário. Devido a isso, não há sentido na divisão que se faz entre discursos argumentativos e não argumentativos, pois todos os discursos têm um componente argumentativo, uma vez que todos objetivam a persuasão. Nesta unidade, concentramos nossa atenção na argumentação e na sua construção linguística.

A expressão linguística da argumentação

O entendimento de que o sentido é construído não só na dinâmica da organização textual, mas, principalmente, na prática social nos leva a refletir sobre como a textualização revela uma atividade linguística orientada fundamentalmente para a dimensão discursiva.

Hoje, a maioria dos estudos situa a linguagem dentro de um acontecimento sociocomunicativo – a atividade discursiva. Segundo Azeredo (2000), a “prática da comunicação linguística oral ou escrita constitui o que chamamos discurso” e este é “necessariamente um acontecimento protagonizado por um enunciador e um ou mais destinatários numa dada situação, que inclui o momento histórico e o espaço social”. Assim, o texto passa a ser o produto da atividade discursiva, pois é, através do discurso, que os usuários de uma língua produzem textos.

Desse entendimento, resulta que a compreensão da argumentação como uma prática linguística através da qual se quer interagir com e sobre o outro; uma prática, pois, constituída pelo discurso.

Koch (2002), por exemplo, estudando os mecanismos de retomar referentes ao longo do texto, destaca o funcionamento discursivo dessa retomada ao investigá-la como uma prática em que se evidencia a construção intersubjetiva (social) do sentido. Nas palavras da autora, a função das expressões referenciais não é apenas referir. Ao contrário, “como multifuncionais que são, elas contribuem para elaborar o sentido, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas, sinalizando dificuldades de acesso ao referente e recategorizando objetos presentes na memória discursiva”.

Desse ponto de vista, as expressões referenciais passam a ser tratadas como uma estratégia a que o produtor recorre para alcançar a interação pretendida pelo seu texto e como uma estratégia de que o leitor pode lançar mão para auxiliá-lo a reconhecer a orientação argumentativa do texto, facilitando, com isso, a (re)construção do sentido.

Ao longo de um texto, em que as operações de referenciação são encadeadas, fica mais claro percebermos quantas informações sobre o referente (muitas das quais implícitas) podem ser veiculadas, ativadas e até mesmo silenciadas e como o referente se (re)constrói textualmente à medida que novas expressões (muitas carregadas de juízos e interpretações) a ele são

relacionadas.

Porém, a retomada de referentes e sua expressão linguística através de sinônimos, hiperônimos, expressões nominais definidas e apostos é um dentre os muitos mecanismos de construção da argumentação. Se considerarmos os gêneros organizados em torno da dissertação, veremos a importância de outros marcadores linguísticos da argumentação, muitos dos quais fundamentais para sinalizar a orientação argumentativa do texto.

Nesse momento, você deve lembrar de Gêneros e Leitura, pois, nessa disciplina, estudamos a argumentação também, porém sob a ótica da leitura. Entretanto, os conhecimentos sistematizados naquela ocasião são muito relevantes também para a produção textual. No que segue, vamos lembrar alguns desses conhecimentos, que aqui serão mobilizados para qualificar a sua prática enquanto produtor de textos.

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)

D1. Tema

Em A3.1 tratamos da importância de delimitar o tema como uma estratégia importante do planejamento. O tema é do que nosso texto vai abordar. Os temas recobrem as grandes áreas do conhecimento humano. As experiências e a construção do conhecimento humano se distribuem em grandes áreas, que têm inúmeros recortes. Por exemplo, se pensarmos em problemas emocionais que experienciamos hoje como sociedade, vêm a nossa cabeça a depressão, a solidão, o *bullying*, entre outros.

Um texto sempre tem um tema dominante, podendo apresentar outros subtemas a ele relacionados. Os temas são *concretizados* por várias palavras que formam uma espécie de rede/cadeia semântica. Assim, um determinado tema é reconhecido pelo conjunto de palavras (associadas, sinônimas, antônimas, etc.) que são empregadas no texto, formando o *campo semântico*, a área do conhecimento que se associa normalmente a esse tema.

Assim, para reconhecer o tema do texto, é necessário identificar as palavras que compõem o *Campo Semântico* predominante e outros a ele associados.

Comentário → Os campos semânticos são áreas, campos conceituais do sentido. As palavras escolhidas pelo produtor ajudam a designar e a delimitar esses campos. Essas palavras, ao longo do texto, mantêm entre si relações (de associação, sinonímia, oposição) e acabam por formar redes lexicais, ajudando a concretizar o tema e a manter a coerência.

Veja, nos exemplos, o campo semântico principal destacado em negrito.

O futebol de várzea está em extinção. A prática quase centenária do jogo de bola nos terrenos vazios e nos saudosos “campinhos” é escassa nos dias de

hoje. Nos anos 30, eram comuns **as peladas** que reuniam jovens de todas as idades, dos 10 aos 50 anos e **times** que disputavam o poder **da pelota**. Primeiro veio a especulação imobiliária e muitos dos terrenos destinados à prática **do esporte** se foram na construção de edifícios. Depois vieram os anos de denúncias vazias e as faltas de moradias populares. Consequentemente, aumentaram as ocupações de áreas urbanas não construídas, o que acarretou radical diminuição **dos jogos de bola nos campinhos** (Enfoque Campus, nov. 91, p.02).

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)

D2. Tese e argumentos

Entendemos por **tese** a interpretação, o ponto de vista a ser defendido no texto. Essa tese, por sua vez, precisa ser suportada por argumentos, os quais são as **provas**, as **evidências**, o que se mostra para persuadir, convencer o leitor/ouvinte da tese. Vamos sistematizar algumas informações sobre esses dois aspectos.

D2.1. A tese

A tese decorre da interpretação e da reflexão sobre a realidade em análise. Vimos que ela é o ponto de vista a ser defendido, a posição a ser tomada. Todo texto dissertativo-argumentativo apresenta uma tese, clara ou inferível, a qual garante a direção, a ordenação e a seleção dos argumentos e a linha de pensamento a ser desenvolvida ao longo do texto.

Vejamos exemplos do que temos tratado até aqui.

Tema: Desemprego e Mercado de trabalho.

Delimitação do Tema: A relação entre desemprego, recolocação no mercado de trabalho e faixa etária.

Tese: À medida que avança em idade, o trabalhador vê crescer as suas dificuldades de recolocação no mercado de trabalho.

Comentário → Quem defende a tese acima adota o ponto de vista de que a dificuldade de emprego tem uma estreita relação com a faixa etária. É uma TESE porque apresenta a interpretação pessoal sobre o tema do desemprego e mercado de trabalho, relacionando-o com a idade do trabalhador.

Tema: Problemas sociais

Delimitação do Tema: Violência nas escolas

Tese: Para tratar a crescente violência na escola, é necessária uma ação conjunta entre família,

escola e Secretaria de Segurança Pública.

Comentário → Entre os vários problemas sociais, escolhe-se tratar da violência nas escolas como um fenômeno recente que pode ser abordado através da análise de suas causas e da proposição de uma alternativa para solucioná-lo, ou, no mínimo, minimizá-lo. Nesse contexto, é coerente que se proponha como tese, como ponto de vista, a posição de tratar a violência na escola como “caso de polícia”, o que leva a se estreitar a relação entre família, escola e o órgão gestor da segurança no Estado. Essa é uma tese porque é um posicionamento pessoal de quem entende que atualmente a escola, sozinha, não pode resolver os casos de violência que ocorrem em sala de aula, entre colegas, entre aluno e professor, por isso são necessárias ações integradas, que envolvam a comunidade escolar, a família e, infelizmente, até a polícia.

Como último aspecto a ser destacado sobre a tese, vamos verificar como se pode expressar uma tese no texto. Normalmente, a **tese** aparece sob a **forma de uma declaração**, em que se afirma a opinião, o ponto de vista sobre o tema, ou sob a **forma de comando**, em que se apresenta a sugestão de uma ação que deve ser realizada.

D2.2. Os argumentos

Sobre um determinado tema, pode haver posições favoráveis ou contrárias. Se o autor busca formar a opinião do leitor/ouvinte, convencê-lo a defender uma determinada interpretação da realidade, a tomar partido em um conflito ou a realizar determinada ação, deve convencer o interlocutor. Para esse convencimento, o autor apresenta argumentos.

Da perspectiva da lógica formal (racional), **argumentos** são as “provas”, as evidências do que se afirma, o que se apresenta ou se mostra para convencer o leitor/ouvinte da tese. Pode o produtor também recorrer a avaliações baseadas em juízos e valores considerados socialmente positivos ou negativos. Empregar a linguagem figurada (metáfora, metonímia, hipérbole...) é outra estratégia argumentativa eficaz, pois se apela para a sugestão, a associação conotativa entre ideias, “falando-se” diretamente à emoção do leitor.

Para produzir bons textos argumentativos, é necessário conhecermos os tipos de **argumentos** que podem ser usados e os **recursos** para se **construir linguisticamente a argumentação**.

Inicialmente, vejamos os argumentos. Dentre os diversos **tipos de argumentos** usados para persuadir, destacam-se os **baseados no raciocínio lógico** (causa e consequência, por exemplo), em raciocínios indutivos ou dedutivos (recorrência à generalização ou ocorrências particulares, por exemplo), no apelo a testemunho de autoridade, na apresentação de provas concretas e no consenso.

Assim, para provar, defender uma tese são apresentados argumentos baseados em exemplos, testemunhos, análises de relações lógicas, provas, evidências que apelam para a RAZÃO do leitor.

Vamos analisar alguns fragmentos ilustrativos.

Tese → A reserva de vagas no 3º grau para alunos das escolas públicas é uma medida equivocada.

Para convencer o leitor dessa tese, o autor pode apresentar como argumento uma

consequência dessa reserva: *Uma consequência dessa polêmica iniciativa do governo federal seria a formação de guetos entre os estudantes, uma vez que a medida estabelece uma segregação, um regime de apartheid ao tratar os alunos da escola pública e os da particular de modo diferenciado.*

Comentário → Esse é um argumento que reforça a tese contrária à reserva de vagas.

Se o produtor do texto optasse pela análise de alguma **causa** envolvida na polêmica: *Se analisássemos as dificuldades que os alunos de escola pública enfrentam ao disputar uma vaga no 3º grau, verificaríamos que, na realidade, a verdadeira causa delas não é a concorrência do vestibular, mas sim a falta de uma base que lhes prepare para a competição, o que decorre de um ensino fundamental e médio deficitários.*

Comentário → Esse é um argumento favorável à reserva de vagas.

Pode-se também usar como argumento um **exemplo**, um caso, uma ocorrência, um fato para convencer o leitor de uma tese: *Edson Roberto Didoné Júnior, estudante de uma escola pública no interior de São Paulo, obteve excelente pontuação na última prova do Enem. Seu desempenho foi semelhante ao de Vinícius Lopes, outro campeão de notas, que sempre estudou em escolas particulares.*

Comentário → Note como apelar para casos (reais ou fictícios) ilustra, de modo concreto, o ponto de vista e torna a leitura interessante. Por meio da exposição desses fatos, o autor reforça a tese favorável à reserva de vagas.

A utilização de um exemplo é um recurso interessante para o desenvolvimento de uma tese. Pode servir para situar o leitor sobre o problema, a condição ou a solução, convencê-lo de que uma suposta solução pode ou não funcionar, ilustrar uma idéia ou situação. Isso pode ser feito através da exemplificação do caso de uma instituição, cidade, estado ou país para comentar um problema social; demonstrar a eficiência ou não de uma determinada solução através de fatos, ações ou fenômenos positivos ou negativos (dependendo do posicionamento do autor); expor um caso específico que contribua para a compreensão do leitor.

O produtor de um texto, além desses argumentos, pode referir-se a **dados estatísticos** ou **numéricos** para provar sua tese e fornecer maior credibilidade ao que se declara: *Os dados divulgados pelo Ministério da Educação sobre o Exame Nacional para o Ensino Médio mostram que a diferença entre o desempenho de alunos da rede pública e os da rede privada não é tão grande como se esperava. A média dos alunos das escolas privadas foi 5,7 contra 4,5 dos alunos da escola pública.*

Comentário → Note que o autor utiliza-se de dados numéricos oficiais (5,7 e 4,5) para comprovar a tese de que os alunos da escola pública têm condições de concorrer com os da escola particular de maneira igualitária para ingressar no 3º grau. Reforça-se, assim, a tese contrária à reserva de vagas.

Apresentar no texto o **testemunho de uma autoridade** – uma pessoa reconhecida no seu campo de atuação, um especialista – ou evocar o conteúdo de um documento, uma Lei, algo que demonstre autoridade incontestável é um tipo de argumento eficiente, pois confere maior credibilidade à tese: A reserva de vagas no 3º grau para alunos provenientes de escolas públicas é discriminatória, pois fere a Constituição, que garante, em seu artigo tal, o direito a todos de

acesso à educação.

Comparação: Comparar um fato, fenômeno, pessoa ou objetivo a algo que expresse uma determinada ideia (positiva ou negativa) é um poderoso recurso argumentativo na defesa de uma tese. *O Brasil era considerado um aluno relapso na escola do capitalismo. Sempre era pego de surpresa dormindo na aula e nunca aprendia a lição. A última fora aplicada pela indústria automobilística, uma velha mestra incompreendida. (Folha de São Paulo).*

Comentário → A comparação do país com um aluno relapso e da indústria automobilística com a professora configura-se num interessante recurso que, além de atrair a atenção leitor, facilita a compreensão do assunto e do ponto aonde o autor quer chegar (sua tese).

Um segundo grande grupo de argumentos são daqueles que **apelam à emoção**. A argumentação é um tema muito interessante. Em muitos textos somos seduzidos não pelas evidências, pelo apelo à razão, mas sim pelo apelo à *emoção*.

Num texto, pode-se utilizar como estratégia argumentativa declarações, afirmações que não estão baseados em provas, evidências, relações lógicas, mas expressam **juízos, opiniões** de base emocional/afetiva ou estão alicerçados em **valores** ou **crenças** de uma determinada sociedade. Exemplos:

Tese: Compre a esponja de aço X.

Argumento: Consuma X porque ele já faz parte da família brasileira.

Comentário → Note o conteúdo emocional da persuasão: o produto é elevado à categoria de quase um membro da família, o que sugere um vínculo de afetividade entre o produto e o consumidor. Aqui se recorre à afetividade do brasileiro, ao senso de família para convencer o consumidor a comprar o produto.

Tese: Vote no candidato X.

Argumento: Vote em X porque ele é exemplar pai de família e católico praticante.

Comentário → Observe que as qualificações atribuídas ao candidato não se referem a sua qualificação como político. O autor recorre a valores e comportamentos (apego à família e à religião) que o eleitor possa ter para sensibilizá-lo. A estratégia é a de sugerir que o candidato compartilha das mesmas crenças e valores do eleitor.

Guarde bem:

- O argumento veicula informação, mas principalmente induz os leitores a tomar partido em uma polêmica ou escolher um curso particular de ação. Alguns apelam para a razão; outros, para a emoção.
- Exemplos: fatos (reais ou fictícios) podem fornecer a evidência necessária se eles são típicos e se são trazidos em número suficientes para ilustrar os pontos principais da argumentação ou se são combinados com outros tipos de provas (evidências). Alguns exemplos são específicos (referência a pessoas ou eventos particulares); outros são gerais (referências a tipos de pessoa ou eventos que, de algum modo, correspondem a experiências dos leitores).
- Dados: (números, estatísticas, gráficos, tabela...): convence o leitor por mostrar que a perspectiva do autor é consistente com o que se conhece sobre o assunto. Já o testemunho de autoridade permite fundamentar a argumentação com ideias ou palavras (literais) de alguém reconhecido como *expert/especialista*, com isso, o autor mostra que o especialista tem o

conhecimento e a sabedoria que está na mesma direção do seu ponto de vista. Confere credibilidade às afirmações aceitas.

- Análises através de relações lógicas: (causa/consequência/conclusão/condição/finalidade) ex: causa e efeito: esclarecem dados que deram origem aos outros; mostram-se as relações inerentes entre dois fatos ou duas ideias. Com o processo da comparação, mostram-se as semelhanças ou definições entre as situações, dados fenômenos ou seres comparados provoca gera identificação ou distanciamento. Outro procedimento bastante argumentativo é a definição: uma definição (subjetiva/objetiva) pode precisar um conceito obscuro; pode atrair/ envolver o leitor quando a definição é criativa, inusitada.
- Introdução de contra-argumentos (Refutação de argumentos): Mostra-se a fragilidade do argumento contrário à tese defendida (fortalece o argumento).
- Se não apelamos para as relações lógicas e racionais, podemos recorrer a apelos emocionais (aproximar razão e emoção e dissociá-las pode ter um efeito estratégico). Recorrer à linguagem figurada (metáforas, metonímias, hipérboles...) descrições sugestivas, imagens que falem diretamente à emoção do leitor. Evitar o uso de palavras que tenham associações com emoções negativas.

Uma última observação sobre os argumentos: Uma tarefa igualmente importante para a técnica da argumentação é o reconhecimento dos argumentos utilizados para iludir o leitor/ouvinte. Muitos autores discutem as falácias – falsos raciocínios que, embora logicamente incorretos, podem ser psicologicamente persuasivos. Entre eles, pode-se destacar o argumento “contra a pessoa” – a tentativa de refutar uma afirmação atacando o seu proponente, isto é, em lugar de atacar uma ideia, ataca-se a pessoa que a formulou.

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)

D3. Marcadores discursivos

D3.1. Os operadores

Nos estudos sobre a argumentação, chamam-se operadores os elementos linguísticos que “operam”, isto é, articulam os argumentos, evidenciando a estratégia argumentativa. Há dois tipos de operadores: os do tipo lógico e os argumentativos.

Os **operadores do tipo lógico** mostram que o argumentador escolheu como sua estratégia convencer o leitor através da exposição de argumentos baseados na razão, no encadeamento de períodos e parágrafos onde se articulam relações de natureza lógica. Por exemplo, para tratar da violência nas escolas, ele mostra ao leitor quais são as relações de causa e consequência que podem estar implicadas em tão relevante tema. Ele cria o efeito de, objetiva e cientificamente, abordar o tema pelo viés da reflexão, do uso da razão. Diferente posição seria se ele avaliasse,

com base em juízos pessoais, a atuação de professores, diretores e pais na condução de ações e atitude relativas ao tema. Aqui, imperaria a subjetividade, o envolvimento emocional.

Comentário → As conjunções e locuções que aparecem nas gramáticas como conetivo oracionais são, do ponto de vista da argumentação, os operadores de tipo lógico. Muda a nomenclatura, porque a ênfase é diferente: na gramática, está se estudando a organização dos períodos de uma perspectiva sintática: aqui, estamos olhando esses marcadores linguísticos como pistas argumentativas que mostram para o leitor o movimento argumentativo do texto, a estratégia de se explorar, argumentativamente, as relações lógicas de causa/consequência, condição/conclusão; oposição, finalidade, proporção, etc.

Já olhar elementos linguísticos como **operadores argumentativos** é analisar a língua da perspectiva de quais elementos podem auxiliar a relacionar/dispor os argumentos no texto conforme a intenção de quem escreve. Por exemplo, se o produtor do texto apresenta três argumentos que têm a mesma orientação argumentativa, isto é, colaboram na mesma direção de defesa da tese, ele irá explorar a soma de argumentos e empregar elementos da língua para deixar isso claro no seu texto. Ao contrário, se os argumentos têm orientações contrárias, para não ser incoerente, deve empregar operadores de contraste, oposição. Se, entre os argumentos, há uma hierarquia, ou seja, um é mais relevante para a defesa que outro, precisará de recursos linguísticos que deixem essa valoração clara. Esse é o emprego dos operadores argumentativos, que passaremos a discutir a seguir.

Em gêneros como artigos de opinião, cartas do leitor, editoriais, publicidades, os operadores são muito usados, por isso é necessário compreender o valor retórico deles. Primeiro, veja mais modelos de operadores argumentativos: os pares não só... mas também, tanto...como(quanto), ainda, além disso; aliás; inclusive; só,somente; ou seja, isto é; em decorrência, conseqüentemente; mais que/menos que, entre muitos outros.

Os operadores argumentativos, como: *aliás, ainda, também, até, pelo menos, até mesmo*, são elementos linguísticos usados como pistas que mostram o valor retórico de determinada informação (argumento). Esses elementos orientam o leitor para que ele realize uma determinada leitura, chegando a essa conclusão e não àquela.

- a. Pedro quer ser *pelo menos* prefeito.
- b. *Aliás*, Joana ainda não entregou o trabalho.
- c. *Até* os professores sindicalizados estão sem motivação para a greve.

Agora, acompanhe a análise de algumas ocorrências em que se exploram esses elementos na argumentação.

O mercado no Brasil para pesquisadores apresenta poucas perspectivas de absorção de uma demanda crescente. **Até** doutores abandonam o país em busca de oportunidades de trabalho em centros de pesquisa.

Comentário → Na defesa da idéia de que está difícil o trabalho para o pesquisador brasileiro, o autor traz um argumento que, numa escala argumentativa, está no topo, isto é, é de se esperar que doutores, profissionais com alta qualificação, não tivessem dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Essa é a interpretação que o autor leva o leitor a fazer, por isso é retórico,

argumentativo, ele nos conduz a que cheguemos, enquanto leitores, a essa conclusão, e não outra.

Uma antena parabólica com 5 metros de diâmetro pode chegar bem longe e captar o sinal de **pelo menos** seis satélites, com a programação de emissoras norte-americanas, soviéticas, britânicas e argentinas, entre outras.

Comentário → Note aqui que o argumentador utilizou pelo menos para delimitar o mínimo de vantagens, deixando em aberto a quantidade máxima de captação da antena.

O hábito da leitura converte-se em um poderoso aliado na produção de textos. Os bons leitores **e até** leitores menos assíduos sabem que essa prática é um poderoso auxiliar no momento em que necessitam redigir um bom texto. Esse é o caso da redação no vestibular. A leitura **não só** aumenta o poder de argumentação do candidato, **mas também** lhe oportuniza a exposição a textos bem construídos, o que lhe viabiliza um conhecimento na hora de construir o seu próprio texto. **Embora** esse conhecimento não assegure, necessariamente, um bom desempenho na produção, **pelo menos** possibilita a familiaridade com a escrita, uma prática que, infelizmente, não faz parte do cotidiano da maioria dos jovens brasileiros.

Comentário → No fragmento acima, quantos argumentos foram utilizados na defesa da tese de que a leitura auxilia na produção de textos? Se atentarmos para os operadores, fica mais fácil responder, além de eles nos mostrarem a articulação desses argumentos no texto.

Inicialmente, o produtor trouxe o testemunho dos bons leitores (o que é esperado) e introduziu o inesperado (até leitores menos assíduos), o que é muito argumentativo. Com os operadores não só...mas também, acrescentam-se dois novos argumentos, que se somam na defesa da tese de que a leitura auxilia na redação. Prevendo uma contra-argumentação, o produtor, com o uso do operador embora, adianta-se e introduz um argumento que contraria sua tese, minimiza-o através da concessão e com isso diminui a sua força de contra-argumento. Com pelo menos ele introduz a vantagem mínima, mas com a qual todos concordam, que sempre ler implica contato (familiaridade) com a escrita.

Comentário final → Para reconhecer a importância dos operadores, retire-os das frases. O conteúdo da proposição não muda, mas a **força argumentativa, retórica** desse conteúdo fica enfraquecido sem o operador.

D3.2. Os modalizadores

Outra marca linguística da argumentação são os **modalizadores** empregados no texto. O produtor do texto, ao manifestar sua posição, pode deixar no texto marcas que denunciam um maior ou menor grau de comprometimento com o que declara. Essas marcas são os **modalizadores**. Assim, ele pode situar seus enunciados em torno de dois eixos básicos: o do *Crer* e o do *Saber*.

O eixo do **Crer** (eu creio, portanto é possível, é provável, é permitido supor que) imprime um caráter democrático ao texto: o autor não impõe sua opinião (ou, estrategicamente, induz o leitor a crer que não o faz), deixando a escolha para o leitor/ouvinte de aceitar ou não os seus argumentos, aderir ou não à sua tese. Situa-se o texto no campo da polêmica, da probabilidade, da

possibilidade, do desejo.

O eixo do **Saber** (eu sei, portanto é verdade, é certo que...) imprime um caráter autoritário ao texto, o produtor procura manifestar um saber e conduz o leitor a aceitar como verdadeira a sua argumentação. Situa-se o texto no campo da necessidade, da certeza, do imperativo, das normas.

Certas escolhas linguísticas (modos e tempos verbais, determinados verbos ou auxiliares modais, advérbios, orações substantivas,...) indicam o grau de comprometimento com o que se afirma. Esse grau de comprometimento distribui-se ao longo de um *continuum*, que vai da mais absoluta certeza à possibilidade mais remota.

D3.3. Os índices de avaliação

Além desses recursos, outros mecanismos linguísticos contribuem para se evidenciar a orientação argumentativa de um dado texto. Nos textos, deixam-se marcas que revelam os sentimentos do produtor, a valoração que ele atribui à determinada ideia ou tese, a sua aprovação ou reprovação, a sua concordância ou discordância, enfim, a sua valoração. Essas marcas são os **índices de avaliação**. Observe a contribuição desses índices para a construção da argumentação nos fragmentos destacados abaixo.

Em boa hora, o Ministério da Educação lança a campanha de estímulo à leitura.

*Os brasileiros têm o direito e devem explorar os recursos naturais. O que está sendo feito, contudo, é a mais **pura e definitiva demência**. Infelizmente, para quem a pratica é absolutamente indiferente à possibilidade de que a Amazônia possa se transformar num deserto. Sua esperança é de que, até lá, já estejam mortos e, bem antes disso, ricos. **Pobres de nós** (O futuro da Amazônia e o dos brasileiros, Editorial, ZH, 31/08/88).*

É louvável o empenho de muitos educadores que promovem atividades para estimular o gosto pela leitura, apesar das *precárias* condições das nossas bibliotecas escolares.

*“É difícil para o magistrado avaliar isso. Mas é bom lembrar que o processo criminal começa pela polícia, passa pelo Ministério Público e termina com a sentença do juiz. A atuação policial merece uma **grave** reflexão por parte daqueles que desejam uma polícia respeitadora de seus limites constitucionais. Uma polícia que pautar seu comportamento pelo respeito à ordem constitucional é uma polícia que pode representar um papel da **maior importância** num processo de investigação penal. Mas, infelizmente, não é isso que sempre acontece. A polícia, em muitas ocasiões, trabalha **mal** e emprega meios ilícitos de investigação, como a tortura. Além de **intolerável**, isso não tem valor nenhum. A tortura é a negação **irracional, imoral, criminosa e arbitrária** dos direitos da pessoa humana.” (José Celso de Mello Filho. In: Veja, 05/05/97).*

Além dos operadores lógicos, dos argumentativos, dos modalizadores e dos índices de avaliação, a **seleção lexical** converte-se num eficiente mecanismo argumentativo. As escolhas do léxico denunciam o posicionamento de quem escreve frente ao fato, à ideia, à opinião apresentada. Essas escolhas se concretizam através da adjetivação, nominalização, nomes abstratos indicativos de qualidades, verbos que concretizam julgamentos, juízos, e assim por diante. A

essas escolhas chamamos **seleção lexical**. Veja, nos exemplos a seguir, a contribuição de algumas palavras para o produtor expressar enfaticamente sua posição.

Cenoura europeia é outra coisa

*Atenção, botânicos: se alguém disser que o vegetal *Daucus carota*, popular fornecedor de vitamina A, pode ser uma fruta e não uma raiz, **como a ciência houve por bem classificar**, contenha o impulso de enfiar uma cenoura goela abaixo do cidadão--- ao menos na Europa, ele não está de todo errado. Ocorre que, na **vasta plantação de regulamentos** os quais governam os **negócios** da Comunidade Econômica Europeia (CEE), está escrito que, para gozar das vantagens do livre comércio entre os países-membros, o produto chamado geleia só pode ser feito de frutas.*

*Ora, pois, como os portugueses apreciam geleia de cenouras e querem propagar além-fronteiras o pitéu confeccionado com **secular engenho e arte**, foram queixar-se aos **fazedores de regras** da nova Europa, instalados em Bruxelas. Entre a conveniência diplomática e a fidelidade às realidades da natureza, os **eurocratas** não hesitaram: **mandaram às favas os escrúpulos da ciência** e decretaram que, a contar do primeiro dia deste ano, cenoura também é fruta. Resta saber como fica a situação do tomate, fruta às vezes usada para fazer geleia, mas que, na **festança comercial europeia**, entra travestida de legume (texto adaptado da revista Superinteressante).*

D3.4. A quantificação

Por último, cabe destacar a **quantificação**. A recorrência à *quantificação* é também um útil recurso argumentativo. Indicar que *todos, nenhum, muitos, poucos, a maioria, a minoria, grande parte, ao menos alguns* aceitam ou recusam uma tese, concordam ou discordam deste ou daquele argumento imprime à argumentação credibilidade, veracidade, confiabilidade, o que contribui para se obter a adesão do leitor/ouvinte.

- a. A *maioria* dos entrevistados é contra a legalização da maconha.
- b. O estudo apresenta argumentos poderosos: em *nenhum* lugar onde é aplicada, a pena de morte mostrou-se capaz de reduzir a criminalidade.
- c. *Alguns* pais discutem o assunto com seus filhos; *outros*, sem saber bem como agir, deixam suspensos os seus próprios temores para a próxima conversa, porém a *grande maioria* ainda acredita que seu filho jamais se envolverá com drogas.

Atenção

Um texto bem estruturado não deve apresentar inadequações gramaticais. Então, fique de olho na [Reforma Ortográfica](#).

Atividades Unidade D

Atenção: As atividades desta unidade serão objeto de um Fórum.

Atividade 1 - Pela leitura dos argumentos apresentados abaixo, percebemos que recorrer à recessão como solução para problemas econômicos não é consenso entre os especialistas. Escolha argumentos que ilustram as posições de quem defende e de quem é contrário à recessão. A seguir, articule-os em um pequeno parágrafo.

A - Conforme alguns economistas e setores do governo, a recessão é um remédio extremo para que as contas do país sejam colocadas em ordem.

B - A receita desse remédio não é consensual.

C - No dia a dia, a recessão diminui drasticamente o poder de compra dos consumidores.

D - Para a maioria dos especialistas em economia, a recessão potencializa o risco de quebra de empresas.

E - No passado, a recessão levou milhares de trabalhadores a serem demitidos.

F - Medidas recessivas aumentam em muito as taxas de desemprego em todos os setores da economia.

G - Com a recessão, cria-se o sentimento de que a sociedade se move num terreno minado pela insegurança e pela intranquilidade.

Atividade 2 - Separe, entre os argumentos apresentados para a discussão do tema de universitários estudarem e trabalharem ao mesmo tempo, aqueles que servem à perspectiva do empregador e aqueles que, da perspectiva do estudante, justificam a opção pelo trabalho e o estudo.

A - O trabalho como atendente, garçonne ou vendedor não tem nenhuma relação com a formação acadêmica.

B - Com a dupla jornada, de trabalho e estudo, sobrevém o cansaço.

C - A remuneração é pequena e falta tempo para as atividades extra-classe, como a leitura, tão necessárias a uma formação acadêmica de qualidade.

D - Como os estudantes têm um contato maior com o mundo, eles estão em melhores condições de argumentar com os clientes.

E - Com o dinheiro obtido, os estudantes podem permanecer na universidade.

F - À espera da conclusão do curso, quando poderão recorrer a atividades relacionadas à especialização acadêmica, os universitários têm a oportunidade de custear seu próprio estudo trabalhando em um turno livre.

G - Os estudantes de terceiro grau aprendem rápido os detalhes das funções.

H - Os universitários constituem uma mão de obra qualificada.

I - Com o trabalho dos estudantes, aumenta a qualidade de atendimento de lojas e restaurantes.

Atividade 3 – A partir da Atividade 3, redija um pequeno parágrafo utilizando os argumentos que contribuem para a defesa da seguinte tese: Para o empregador, é vantajoso contratar estudantes do terceiro grau.

Atividade 4 – Com o foco na perspectiva do aluno com dupla jornada, organize um ou dois parágrafos utilizando argumentos na defesa de sua posição frente a essa polêmica. Inicialmente separe os argumentos úteis ao ponto de vista que você vai defender. Após, articule-os em períodos, recorrendo aos operadores argumentativos adequados.

Atividade 5 – Inicialmente separe em dois grupos os argumentos sobre a televisão destacados abaixo: os pró e os contra esse meio de comunicação. Liste em separado esses argumentos. A seguir, entre os argumentos favoráveis, estabeleça nova separação, esclarecendo o que orientou sua escolha. Por fim, com os argumentos de um dos grupos formados, escreva um período composto, articulando as ideias em torno de uma declaração inicial (tese).

- A – A televisão contribui para a alienação das pessoas.
- B – Com o auxílio das imagens, a televisão estimula sentimentos como a indignação.
- C – Com o auxílio das imagens, a televisão mobiliza valores como a solidariedade cívica.
- D – A televisão muitas vezes ajuda a moralizar a sociedade, rompendo-se o véu da impunidade.
- E – A televisão pode denunciar as misérias do país, divulgando-as até no exterior.
- F – A televisão contribui para o excessivo sedentarismo das pessoas.
- G – A televisão aguça o lado consumista dos telespectadores.
- H – A telinha é um consolo para as pessoas sozinhas, especialmente os idosos.
- I – A televisão é um lazer acessível à imensa maioria dos brasileiros.

Atividade 6 – Leia atentamente o parágrafo para responder ao que se pede

Embora as pessoas rejeitem totalmente a possibilidade de incluir a carne de um anelídeo em seu cardápio, a carne de minhoca poderia ser utilizada como uma alternativa para a alimentação humana. Esse tipo de carne já é indicado para complementar o cardápio de outros animais, como aves e peixes. Mas a principal virtude desse alimento, além de a carne de minhoca ser isenta de doença, é a alta concentração de proteínas: de 68 a 82%. Diante desses argumentos, você não começaria a pensar em incluir esse prato na sua próxima refeição?

- a. Quais as palavras ou expressões usadas para não repetir o referente *carne de minhoca*?
- b. Quais foram as conjunções ou expressões utilizadas na articulação dos argumentos nos períodos?
- c. Considerando a organização linguística, pode-se dizer que, entre os argumentos favoráveis ao consumo da carne de minhoca, deu-se destaque a um? Justifique sua resposta.

Atividade 7 – Analise os períodos abaixo, dentro da seguinte dinâmica discursiva: um cliente e um corretor discursavam sobre a compra de um imóvel.

A) Corretor: O prédio é antigo, não tem elevador, mas a localização é privilegiada, está numa zona nobre da cidade, muito valorizada. Aqui perto fica um parque, com pista de jogging. A arborização também é privilegiada.

B) Corretor: Por ser um prédio antigo, não há elevador, mas os apartamentos têm uma área duas vezes maior que a dos apartamentos, construídos recentemente. Se há necessidade de reforma, é mínima: o material usado na construção é de primeira. Veja a instalação elétrica. Irretocável.

- a. Qual argumento aparece nas duas argumentações como negativo?
- b. Pela seleção de argumentos, o corretor deixa implícita a imagem do comprador, seu interlocutor. Essa imagem é a mesma nas duas situações? Ao justificar sua resposta, esclareça a(s) imagem(ns) do interlocutor.

Atividade 8 – Compare a articulação dos argumentos nas seguintes construções:

A – Embora a televisão imponha ao telespectador a sua maneira especialíssima de ver o real, ela pode converter-se num importante meio de democratização da informação, pois é um meio a que milhões de telespectadores têm acesso facilmente.

B – A televisão, a que milhões de telespectadores têm acesso facilmente, acaba impondo a eles a sua maneira especialíssima de ver o real, porém ela pode converter-se num importante meio de democratização da informação.

C – Se o que se veicula na televisão é o resultado dos pontos de vista de todos aqueles capazes de intervir na transmissão, ela, embora nos traga uma imagem concreta, não fornece ao telespectador uma reprodução fiel da realidade.

- a. Sublinhe a ideia destacada em cada construção como o ponto de vista principal, a tese.
- b. Entre os argumentos usados em A, B e C que foram introduzidos por operadores argumentativos, escolha um favorável à televisão e outro contrário a ela. Transcreva-os nos espaços abaixo.

Argumento contrário:

Argumento favorável:

Atividade 9 – Organize as ideias abaixo em um único parágrafo, observando a coesão e a coerência do seguinte modo: articule as ideias em torno de uma proposição inicial (tese); a seguir, apresente argumentos que a fundamentem e, finalmente, escolha uma das ideias para encerrar o parágrafo explorando a relação lógica de conclusão.

A – Tão importante quanto a roupa do vendedor é a sua linguagem.

B – A maneira como fala sobre seus produtos dá informações significativas sobre os produtos.

C – O bom vendedor deve, como parte de seu ofício, aprimorar sua linguagem.

- D - É por meio da linguagem que o vendedor se relaciona com seus possíveis clientes.
- E - Se a linguagem for vulgar, certamente causará má impressão nos clientes mais educados.
- F - Se ela for demasiado formal e erudita, poderá afugentar aqueles clientes que têm menor nível cultural.

Atividade 10 - Articule as ideias apresentadas a seguir em torno do objetivo de evidenciar **os aspectos positivos de se cultivar plantas carnívoras**. Nessa tarefa, observe a coesão, a coerência e a correção linguística.

A - O nome de carnívoras, a princípio, assusta. B - As plantas carnívoras são menos perigosas que aquelas que, contendo em sua composição substâncias venenosas, podem causar intoxicação nos incautos. C - Sendo exóticas, as plantas carnívoras despertam o interesse das pessoas, especialmente das crianças. D - Várias espécies, como a dioneia, ou papa-moscas, alimentam-se de insetos, realizando um combate biológico natural, que dispensa o consumo de produtos químicos, como inseticidas. E - As plantas carnívoras, com seus mecanismos peculiares de captura e de digestão de insetos, tornam-se um objeto de pesquisa instigante para biólogos e cientistas. F - Como integrantes do reino *Plantae*, as plantas carnívoras realizam a fotossíntese, contribuindo para a manutenção da vida no planeta. G - Algumas espécimes de plantas carnívoras exigem bastante cuidado e atenção no seu cultivo devido a sua fragilidade.

Atividade 11 - Leia o texto de Rosely Sayão com atenção. A partir dele, será solicitada uma produção textual com o gênero Carta do Leitor. No ambiente, você encontra novas orientações para a realização dessa prática.

As escolas trabalham com seus alunos há mais ou menos dois meses. É de se esperar que, a esta altura, muitos estudantes já tenham percebido que têm obstáculos a enfrentar, dificuldades a superar, conflitos a resolver. Frequentar escola traz lá os seus problemas, todos sabem. No entanto, o que não sabíamos é que boa parte desses problemas acaba nas mãos dos pais. Da educação infantil à faculdade, eles têm assumido muitos dos contratempos escolares dos filhos.

Pais de universitários tentam negociar prazos de entrega de trabalho com professores e comparecem à faculdade para resolver problemas dos alunos com a secretaria. Muitos também são chamados pelas faculdades para reuniões e até recebem boletim de frequência e avaliação do filho - isso sem falar de mestrandos e doutorandos em situação semelhante.

Não há dúvida de que esses jovens, de classe média, estão infantilizados, e nem sequer se envergonham da situação. Ao contrário: é de muitos deles que parte o pedido de ajuda aos pais. Justamente quando finalizam o processo de amadurecimento iniciado na adolescência e estão prestes a entrar na vida adulta, são seduzidos a estacionar, quando não a regredir.

Quem tem filhos cursando o ensino médio ou o pré-vestibular carrega uma carga bem pesada. Pressionados pela sociedade, pressionam seus filhos para que deem conta da enorme quantidade de conteúdo passado pela escola e tirem boas notas, para que não percam aulas, para que entrem em uma faculdade reconhecida etc. Contratam professores particulares --muitas vezes indicados pela escola que o filho frequenta! --, dão prêmios e castigos, controlam horários de estudos, tudo em função do rendimento escolar. Mas para quem é importante, afinal, cursar uma faculdade?

Quem tem filhos no ensino fundamental acaba por ter de atender a pedidos das escolas para que resolvam questões de indisciplina, de desatenção, de comportamentos inadequados ao espaço escolar, de recusa da autoridade do professor etc. No final, o aluno está lá na escola e os pais, aqui fora, tentam interferir no comportamento dele lá. Será que é possível? Tenho dúvidas, já que, quando mudam o papel social e o contexto, pode mudar muita coisa na maneira de se portar da criança.

Nem mesmo os pais das que frequentam a educação infantil ficam livres de arcar com questões da vida escolar dos filhos. São pesquisas e lições para serem feitas em casa, reuniões para ouvir análises que a escola faz, ora do comportamento ora do desenvolvimento de seus filhos e até receber algumas orientações, inclusive de encaminhamentos.

Em resumo: hoje, quem tem filhos na escola quase se torna um repetente, já que precisa dar conta de questões que lá atrás, em sua infância, já foram vividas. E quase sempre sem contar com a ajuda dos pais, é bom ressaltar.

Talvez uma boa parceria da família com a escola pudesse ser a de que ambas conseguissem ensinar aos filhos e alunos que o compromisso escolar é deles, e apenas deles. *blogdaroselysayão.blog.uol.com.br*).

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)

CONCLUSÃO DA UNIDADE D

Nesta Unidade, a argumentação e a sua construção lingüística foram o foco. Para tanto, você viu a argumentação como uma prática discursiva. Estudou, também, tema, tese e argumentos. Além disso, percebeu a relevância do uso dos modalizadores. Por fim, as atividades propostas propiciaram a fixação do conteúdo visto.

REFERÊNCIAS

Abreu, A.S. **A arte de argumentar**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

Brandão, Teresinha. **Texto argumentativo: escrita e cidadania**. Pelotas: L.M.P. Rodrigues, 2001.

Citelli, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 1986.

Costa Val, Maria das Graças. **Redação e Textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Garcia, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. 16. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1995.

Mussalim, Fernanda. **Linguagem: práticas de leitura e escrita**. Vol.I. São Paulo: Global 2004. Coleção Viver, Aprender.

Vanoye, Francis. **Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

Produção Textual

[voltar ao sumário](#)